

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ROSANE VIEIRA PEZZODIPANE

## **REDE DE AFETOS DA PROTEÇÃO ANIMAL**

Um Contraponto à Violência aos Animais Domésticos no Município de  
Vitória

Vitória – ES

2014

ROSANE VIEIRA PEZZODIPANE

## **REDE DE AFETOS DA PROTEÇÃO ANIMAL**

Um Contraponto à Violência aos Animais Domésticos no Município de  
Vitória

Monografia apresentada como  
requisito para conclusão do curso  
de Bacharelado em Ciências  
Sociais pela Universidade Federal  
do Espírito Santo.  
Professora Orientadora: Dra. Eliana  
Santos Junqueira Creado

Vitória - ES

2014

ROSANE VIEIRA PEZZODIPANE

## **REDE DE AFETOS DA PROTEÇÃO ANIMAL**

Um Contraponto à Violência aos Animais Domésticos no Município de  
Vitória

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de  
Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do  
Espírito Santo.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra Eliana Santos Junqueira Creado  
(Orientadora)

---

Prof. Dra. Cristiana Losekann



**Figura 1.** Foto de cães disponíveis para adoção no Patinhas Carentes.

Fonte: Facebook - Link:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=594827310586899&set=a.594827220586908.1073741858.100001789061017&type=3&permPage=1> – Acesso em 11/07/2014

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido esse percurso nas Ciências Sociais. Meu agradecimento especial a você, Professora Eliana Creado, por ter acolhido tão carinhosamente o meu projeto e por ter me dado “raízes” e “asas” para realizá-lo.

Aos meus inesquecíveis professores, por me ensinarem a entender o mundo. Aos colegas/amigos de turma, pelo afeto compartilhado, especialmente as amigas Mari e Luana, pela parceria incondicional.

A meus pais, pelo exemplo de vida; a minha família, pelo amor incondicional; a minha sobrinha Raquel, por não me permitir postergar disciplinas.

Meu agradecimento especial a minha querida filha Lara, pelo desafio que me levou a realizar esse sonho, e ao meu querido filho Guga, pelo incentivo e pelas discussões filosóficas em altas horas.

Meu muito obrigada ao Patinhas Carentes pelo gentil acolhimento e por tornar possível essa monografia. A Virgínia Brandão e a Chrys, pela valiosa participação.

Finalmente, agradeço aos quase humanos *Spoke, Mel, Rashi, Badoo, Tico, Belinha, Tutty, Bryan e Layka*, que me levaram ao encontro da causa animal.

Conhecemos a verdade não só pela razão, mas também pelo coração; é desta última maneira que conhecemos os seus princípios, e é em vão que o raciocínio, que deles não participa, tenta combatê-los. (Pascal)

## RESUMO

O município de Vitória tem atualmente uma população de animais abandonados estimada em 30.000 animais, entre cães e gatos. Embora se considere as conquistas legislativas contempladas na Lei Municipal nº 8121- de 25/05/2011, observa-se que, essas conquistas não se traduzem em políticas públicas, em razão da arena decisória dos direitos dos animais no município se mostrar bastante incipiente. Nesse contexto, os animais de rua ficam sujeitos a todo tipo de violência e maus-tratos. A questão é potencialmente agravada quando se considera a procriação sistemática que ocorre com esses animais, pela ausência de uma política de castração eficiente. Adotando a perspectiva construcionista de Hanningan (2009) visei, nessa monografia, em primeiro plano, contextualizar a violência aos animais domésticos no município de Vitória, através da rede de agências da arena animal que atua no município, procurando identificar quais seriam os fatores condicionantes à manutenção desse quadro. Como pano de fundo, busquei observar, através do grupo Patinhas Carentes, quais motivações estariam presentes no trabalho dos grupos de proteção animal, que representam hoje um dos mais importantes agentes na minimização desse problema. Minha expectativa é que essa pesquisa possa contribuir de alguma forma na elaboração de políticas públicas que possam elevar a questão dos animais a um patamar mais digno. Como metodologia de pesquisa foram utilizadas a observação participante; histórias de vida; questionários online; questionário via protocolo; e revisão bibliográfica.

**Palavras – chave:** Animais domésticos; violência; proteção animal; políticas públicas.

## ABSTRACT

The city of Victoria currently has a population of abandoned animals estimated at 30.000 animals, including dogs and cats. While considering the legislative achievements contemplated in the Municipal Law No. 8121 - on May, 25<sup>th</sup>, 2011, it is observed that these achievements do not translate into effective public policy, since the operative arena of animal rights in municipality still is rudimental. In this context, street animals are subject to all kinds of violence and abuse. The issue is potentially exacerbated when one considers the systematic breeding that occurs in these animals, combined with the absence of a policy of efficient castration. Adopting the constructionist perspective of Hanningan (2009), I intend by this monography, foreground, contextualize violence to domestic animals in Vitória, through the animal arena that operates branch network in the city, trying to identify what are the determining factors to maintaining this frame. As background, I tried watching through the group "Patinhas Carentes", what reasons would be present in the work of animal protection groups, which represent today one of the most important agents in minimizing this problem. My expectation is that this research will contribute in some way in the development of public policies that might raise the question of the animals to a more decent level. As research methodology were used participant observation; life history; online questionnaire; protocol questionnaire and literature review.

**Keywords:** Pets; Violence; Animal Protection; Public Policy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. DIREITOS DOS ANIMAIS EM DISCUSSÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. PATINHAS CARENTES E A PROTEÇÃO ANIMAL.....</b>	<b>28</b>
2.1 O MUTIRÃO DE LIMPEZA - PREPARANDO PARA A FEIRA DE ADOÇÃO.....	34
2.2 A FEIRA DE ADOÇÃO.....	36
<b>3. PROTEÇÃO ANIMAL VERSUS POLÍTICAS PÚBLICAS- CONTEXTUALIZANDO A QUESTÃO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA.....</b>	<b>45</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO 3.....</b>	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

O município de Vitória tem atualmente uma grave questão a ser resolvida no que diz respeito aos animais domésticos. Há uma população estimada em aproximadamente 30.000 animais, entre cães e gatos, abandonados nas ruas. Esses animais permanecem errantes e sujeitos a todo tipo de violência e maus-tratos, frequentemente denunciados pelos meios de comunicação, deixando evidente que, maltratar os animais, ainda faz parte da cultura de boa parte dos humanos.

O problema se agrava consideravelmente em razão da procriação sistemática que ocorre com esses animais, por não existir por parte do poder público um programa de castração em massa, que possa resultar em uma diminuição do percentual de crescimento de animais abandonados. A falta de vacinação é outro problema de grandes proporções, já que a única vacina ofertada pela prefeitura de Vitória é a vacina antirrábica e, ainda assim, não há um programa eficiente que possa contemplar uma parte importante dessa população. Nesse contexto, muitos animais morrem precocemente por doenças de diversas etiologias, grande parte deles morre por atropelamento, por inanição, enquanto outros são descartados sumariamente nos rios, nos lixões ou, ainda, por atos letais de violência humana.

Como contraponto a essas contingências, em que se constata a ausência do poder público do município, surgiram diversos grupos de proteção animal e através deles a dramatização da questão animal tem conquistado espaços importantes nas redes sociais, em especial no Facebook e nos meios de comunicação em geral, o que, na perspectiva de Hannigan (2009), é um dos fatores fundamentais para a constituição de um problema social.

Movida por contingências que me sensibilizaram com a causa da proteção animal, visei nessa monografia, em primeiro plano, contextualizar a violência aos animais domésticos no município de Vitória, através da rede de agências da arena animal que atua no município, procurando identificar quais seriam os fatores condicionantes à manutenção desse quadro. Como pano de fundo, busquei observar, através do grupo Patinhas Carentes, quais motivações estariam presentes no trabalho dos

grupos de proteção animal, que representam hoje um dos mais importantes agentes da arena do direito dos animais no município de Vitória.

Acredito que contextualizar o tema da violência aos animais domésticos é da maior relevância, na medida em que esse desvendamento poderá contribuir na elaboração de políticas públicas mais eficientes, para que se corrija o atraso que tem configurado a questão do direito dos animais até o momento atual. Considerei também o meu interesse pessoal em contribuir com esse debate, por ser um tema inserido em uma disputa de arena desigual, considerando-se a urgência de políticas públicas no município, voltadas aos humanos, em especial nas áreas da saúde, da educação e da segurança. Delimitei meu recorte na categoria cães e gatos, no entanto, no encontro com meus interlocutores, outros não-humanos foram emergindo, levando-me a visitar outras arenas da questão animal inseridas em um panorama mais geral.

Como referencial empírico busquei articular a rede de agências da questão dos animais domésticos que atua no município. Como ferramentas de pesquisa utilizei a observação participante, com inserção no grupo Patinhas Carentes, meu principal referencial empírico para essa monografia. O grupo atua desde 2008, recolhendo animais de rua e promovendo adoção consciente. Também me utilizei de um questionário online, aplicado aos seus integrantes para complementação de dados.

Quanto às informações do Centro de Vigilância em Saúde Ambiental (CVSA), elas foram obtidas através de questionário protocolado na prefeitura de Vitória em 23/01/2014, e de uma simulação de solicitação de resgate, elaborada com o intuito de verificar os desdobramentos de uma demanda do cidadão nessa questão. Outras informações foram obtidas através da presença no Fórum Municipal do Bem-Estar Animal, realizado em Vitória no dia 10 de abril de 2014, no qual efetuei observação participante.

Com Virgínia Brandão, atual presidente da Sociedade Protetora dos Animais (SOPAES) os dados vieram através de entrevista, realizada a partir de questionário semiestruturado, concedida em 18/02/2013, com os quais tentei montar uma breve história de vida para entender como se deu a sua trajetória da militância na proteção animal até a inserção na política do município. A opção em não gravar se deu em razão da minha inexperiência em lidar com a ferramenta, o que poderia levar as

partes envolvidas a uma formalidade que poderia prejudicar o conteúdo das informações. Por fim, acessei a Lei municipal nº 8121, através da análise do seu conteúdo, buscando confrontar as garantias legais dos direitos dos animais em relação às políticas públicas praticadas no município.

Com bases nas informações obtidas do Patinhas Carentes e de Virgínia Brandão, tentei montar uma tipologia da violência contra os animais, o que me levou a concluir que, para alguns protetores o conceito de violência extrapola os limites da violência física, e que se considera como violência, assim como eu a entendo, qualquer ato que possa resultar em um déficit do bem-estar do animal, tais como: a falta de vacinação, a não castração, deixar o animal sozinho por um tempo prolongado, e outras situações relatadas ao longo do trabalho. Essa perspectiva é recorrente nos integrantes do Patinhas Carentes.

Quanto à Virgínia Brandão, ela faz uma diferenciação entre violência e maus-tratos entendendo que, violência é causar qualquer dano físico ao animal; maus-tratos seria não alimentá-lo, não oferecer-lhe um lugar seguro, abrigado da chuva, do vento, etc. Virgínia considera maus-tratos também a falta de controle da procriação, que além de exaurir o animal, vai à contramão da proposta da SOPAES, que é tentar diminuir a população de animais de rua.

Como referencial teórico, iniciei a minha monografia inspirando-me em Singer (1979) que defende a igualdade para os animais, com bases na *igual consideração de interesses*. Para Singer, a dor dos não-humanos deve ser considerada. Também me utilizei da perspectiva construcionista de Hannigan (2009), que me levou a concluir que a arena decisória do direito dos animais no município de Vitória é uma arena bastante incipiente e que para que se consolide como problema social será preciso legitimar-se em quatro importantes esferas: a da arena científica, da arena dos meios de comunicação, arena das relações com o grande público e finalmente a arena das políticas públicas.

No universo da proteção animal, e no contato com o Patinhas Carentes, percebi Latour (2012) e a teoria do ator-rede, quando ele afirma que os não-humanos podem gerar significados. Esses significados ficaram expressos nas inúmeras histórias dos encontros inusitados entre humanos e não-humanos, que ouvi em quase um ano de pesquisa. Quanto às motivações do grupo Patinhas Carentes e de todos que se

envolvem com a proteção animal, identifiquei no compartilhamento da dor, proposto por Haraway (2011) e na Ética da Compaixão de Schopenhauer (apud DALCOL, 2012) o impulso gerador que permite aos protetores persistir na causa dos animais.

Finalmente, a leitura de Startlet (2000), nos permite desvendar a “patologia conceitual humana”, contida nas teorias homocêntricas, que está nas raízes da resistência humana aos direitos dos animais.

## 1. Direitos dos Animais em Discussão

A revista *Veja*, em seu número 44, de 30 de outubro de 2013, traz em sua capa a figura de um Beagle, de olhar tristonho, com o título: “O dilema dos Beagles”. A matéria provoca a discussão de um tema que permanece em potência e que emerge cada vez mais em meios de comunicação, movimentos sociais e em diferentes arenas decisórias, com o envolvimento dos mais variados agentes: os maus tratos ou a violência contra os animais. O subtítulo da matéria sugere a expressão do sentimento que essa questão evoca: “[...] Ainda não dá para fazer ciência sem que eles sofram, mas cada vez mais isso é intolerável”.

O caso Royal<sup>1</sup> é exemplar nesse debate e aponta para a constituição de uma arena voltada para a questão animal em âmbito nacional, que, na perspectiva construcionista de Hannigan (2009) considera como sendo fatores fundamentais na constituição de um problema social, a atenção da mídia, onde o argumento é estruturado como real e importante; e a dramatização, esta, pensada em termos simbólicos e visuais. Esses dois fatores estão presentes no episódio citado.

A discussão do caso Royal foi travada entre ativistas do Direito dos Animais e profissionais voltados à pesquisa científica, que dividiram suas opiniões, mediados pelo jornalismo das principais emissoras de televisão, jornais e revistas de grande circulação ganhando espaços importantes na dramatização da questão animal, como ilustra a matéria da Revista *Veja* que uso como referência.

Há nove anos o professor Leandro Ferro lidera manifestações contra o ‘uso de animais como mercadoria’. Já invadiu uma arena de rodeios (“Quem disse que um cavalo foi feito para ser montado?”) e protestou na frente do Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. [...] Durante a madrugada da invasão e depredação do Instituto Royal, protestava pacificamente até ver um beagle morto e congelado. “Perdi a conta de quantos cachorros carreguei, mas sei que vivi um momento histórico”. (p. 90)

---

<sup>1</sup> O instituto Royal foi criado em 2005 a partir da fusão de dois laboratórios universitários e mantinha em andamento nove pesquisas com o uso de animais. No dia 18 de outubro de 2013, o Royal teve as suas instalações invadidas por ativistas da proteção animal, após denúncias anônimas de que os beagles sofriam maus-tratos. O movimento ganhou força quando circulou o boato de que doze animais haviam sofrido eutanásia e que os restantes seriam retirados de lá no momento em que os ativistas fossem para uma reunião na prefeitura. Fonte: VEJA, Ed. Abril, n. 44, p. 89-91, 30 de out./2013.

Do outro lado da arena, o Instituto Royal, que considerava o roubo dos animais uma “significativa perda de patrimônio”, se pronunciou: ‘É um retrocesso. Foram dez anos de patrimônio genético perdidos’, lamentou João Pegas Henriques, um dos fundadores do instituto. E segundo a mesma fonte: “[...] Henriques e Sílvia Ortiz, gerente geral do Royal, defendem a necessidade de animais nas pesquisas e prometem processar os ativistas”. [...] (p. 90)

É nesse contexto que Muleca, Barriguinha, Babaloo, Tiffani, Jack e Tequila, seis dos 178 beagles roubados do Instituto Royal, na madrugada do dia 18, ganhariam a liberdade e, segundo a Revista Veja, se tornariam “símbolos” de uma corrente de pensamento muito ativa em outras partes do mundo, que preconiza a legitimidade do uso da força para libertar animais-cobaias de laboratórios. (p. 89)

Esse episódio emblemático me insere no tema que proponho discutir e mostra tão somente uma das faces da violência praticada contra aos animais: o de serem usados como cobaias. No entanto, a repercussão desse fato culminou no fechamento do Instituto Royal em novembro de 2013, sob a alegação da segurança dos funcionários, bem como na aprovação de Lei n. 15.316 em 23 de janeiro de 2014, pelo governador Geraldo Alckmin, proibindo o uso de animais em testes para a indústria de cosméticos no Estado de São Paulo.

Haraway (2011, p. 30), em sua abordagem sobre a questão, desvenda o universo da pesquisa científica com o uso de animais-cobaias com a proposta de repensar as relações instrumentais entre animais de laboratórios e pesquisadores, a partir do conceito de que “pessoas e animais em laboratório são sujeitos e objetos uns dos outros na intraação em andamento. Se essa estrutura de relação material-semiótica é rompida ou impedida de nascer, então nada mais resta além de objetificação e opressão”. (p. 28)

Ainda que defenda a necessidade da experimentação científica com o uso de animais-cobaias, a autora entende que é preciso centrar esforços epistemológicos, emocionais e técnicos voltados a uma prática de cuidados e de partilha não mimética. Isso pressupõe um aprofundamento da ética e de uma sensibilização que Haraway acredita ser possível através da partilha do sofrimento. O pensamento da autora fica bem explicitado na história do personagem Baba Joseph, do romance de Nancy Farmer (1996) - *Uma menina chamada Desastre* - que lhe parece ser uma

visão profunda de como pensar o trabalho dos animais “e sua gente”, nas práticas científicas.<sup>2</sup> O romance trata da relação entre um velho vapostori africano – Baba Joseph - e os porquinhos-da-índia dos quais ele era encarregado de cuidar, e que serviam à pesquisa da doença do sono, numa pequena estação científica no Zimbábue, em meados de 1980. Nas palavras de Haraway:

Os porquinhos- da- índia eram mantidos em cestinhos apertados, enquanto gaiolas de tela cheias de moscas picadoras eram colocadas sobre eles, que tinham tido a pele raspada e pintadas com venenos que podiam afetar os insetos ofensores com seus parasitos protozoários. As moscas se empanturravam com o sangue dos porquinhos da índia. Uma menina xona adolescente, Nhamo, nova nas práticas da ciência, observava. [...] ‘É cruel, Baba Joseph concordou, ‘mas um dia as coisas que aprendemos vão evitar que o nosso gado morra’. [...] Ele enfiou o próprio braço dentro da gaiola de tsé-tsés. Nhamo tampou a boca para não gritar As moscas pousaram por toda a pele do velho e começaram a chupar. ‘Eu faço isso para saber o que os porquinhos-da-índia estão sofrendo, ele explicou. ‘Causar dor é maldade, mas se eu a compartilho pode ser que Deus me perdoe’.

Haraway (2011, p. 30) entende que “a própria ação instrumental não é o inimigo”, ela é intrínseca ao devir mortal. A questão é como tornar as práticas de laboratório multiespécie menos letais e dolorosas, sem os cálculos orientados por razões hierárquicas e dualistas. Aprender a compartilhar não mimeticamente a dor de outros animais é para Haraway, uma “abertura ontológica, um problema prático e uma obrigação ética dos seres humanos”. (p. 48)

Há um paralelo entre a forma de violência dos animais em laboratório, apontada por Haraway, e aquelas que são sofridas pelos animais domésticos, especialmente cães e gatos, que, apesar do pressuposto de uma condição distinta enquanto animais de estimação sofrem igualmente as consequências da negligência pública e individual que, conforme eu entendo, estão na base da violência contra os animais, sejam eles animais em laboratório ou os da categoria animais de estimação. Em ambos os casos a dor dos não humanos é desconsiderada. Nesse contexto o Patinhas Carentes, um dos mais importantes agentes da proteção animal em Vitória, e, por

---

<sup>2</sup> Haraway (2011) pensa os animais de laboratório como trabalhadores – declarando-se marxista de alma - e acredita que a responsabilidade “para e com” outros animais pode ser desenvolvida considerando-se mais a categoria do trabalho do que a categoria dos direitos.

essa razão, adotado como principal referencial empírico nessa monografia, vem ao encontro da proposta de Haraway: O compartilhamento da dor, implícito no impulso humanitário do grupo, está encenado nos laços de afeto criados no cotidiano de cada um de seus integrantes.

Num panorama mais geral é inegável que algumas conquistas têm marcado o ativismo da questão animal, a exemplo da proibição das touradas em algumas partes da Europa, das rinhas de galos no Brasil, da Farra do Boi e de animais em circos, mas ainda há muito a conquistar. No entanto, existem algumas problematizações quanto a possíveis tratamentos diferenciados a espécies de animais domésticos e silvestres, e, embora essa monografia volte-se mais diretamente à questão dos animais domésticos, por contingências que me levaram a privilegiar esse recorte, destaco alguns pontos importantes da discussão e das consequências dessa diferenciação de direitos entre as duas categorias.

Nesse sentido, segundo Machado (2013, p.1), nos últimos trinta anos o tema das relações homem-animal passou a ocupar uma posição de relevo na organização e vida social contemporânea. Os conflitos gerados por essa convivência demandou do Estado a criação de um arcabouço jurídico legal que amparasse a criação de normas voltadas à resolução desses conflitos. O autor, antes de passar à revisão das leis, faz uma aproximação conceitual da sociedade brasileira, destacando que desde a primeira constituição republicana – de 1891 – “o multiculturalismo é o reconhecimento igualitário da diversidade cultural” e constitui os modos de existência dos brasileiros, de acordo com a região, a cidade e o bairro. A “laicidade é o preceito básico do poder político e administrativo do país”, e o “direito à proteção ambiental é considerado direito fundamental, com os animais não humanos sendo titulares ou beneficiários do sistema constitucional, vedado toda e qualquer prática que os submeta a maus-tratos e crueldade”. A ênfase dada pelo autor nas características conceituais da sociedade brasileira tem como objetivo evidenciar que conceitos como a laicidade, multiculturalismo e proteção ambiental estarão presentes gerando polêmica em questões específicas abordadas em sua pesquisa, a exemplo da questão do sacrifício de animais no candomblé, que é, segundo Machado, “dentro dos embaraços ambientais, talvez o item de maior rejeição pelos não adeptos”, e a causa da demonização dos candomblecistas, ainda que seja uma prática corriqueira e compartilhada em diversos sistemas religiosos. Essa questão

gerou o projeto de lei (PL 4331/12), que tramita no Congresso Nacional, criminalizando o sacrifício religioso de animais.<sup>3</sup> (MACHADO, 2013, p.5)

As controvérsias da lei surgiram principalmente em função da divisão de competências entre as esferas federal, estadual e municipal, que inviabilizaram a eficiência jurídica sobre essas questões, como destaca Machado, em referência aos animais sacrificados nos rituais religiosos:

Cumpramos ressaltar que não verificamos na legislação brasileira ambiental federal alusão explícita ao sacrifício religioso de animais. Contudo, uma lei estadual do Rio Grande do Sul (Lei 12.131/04) faz menção expressa ao sacrifício religioso de animais, de forma permissiva. Trata-se do Código Estadual de Proteção aos Animais, que permite tal prática, ao regular a tutela dos animais naquele estado da federação. Vale ressaltar que no Rio Grande do Sul, a religião de matriz africana mais expressiva é o batuque, que, de forma similar ao candomblé, faz uso do sacrifício ritual de animais. (MACHADO, 2013, p. 6).

Outro ponto importante observado pelo autor em pesquisa de Neto e colaboradores (2009) é que os animais usados em sacrifício de candomblé são predominantemente de espécies não listadas pelas autoridades ambientais brasileiras como vulneráveis a extinção, exceto a tartaruga *Chelonoidis denticulada*, utilizada no nordeste, o que leva à constatação de que o sacrifício de animais no candomblé não representa uma ameaça à biodiversidade, portanto, não haveria um agravante da lei 9.605/98 que prevê o aumento de penas em crimes contra espécies ameaçadas “na hipótese de se interpretar aquela prática como criminosa”. Outra observação a destacar é que se identifica uma tendência a uma hierarquização de espécies, a partir da autoridade ambiental e de ONGs de defesa de animais privilegiando animais silvestres em detrimento dos animais domésticos, como cães, cavalos e gatos, promovendo uma “trágica desglamourização”, condenando milhares desses últimos ao abandono e maus-tratos constantes no espaço urbano, sem que haja qualquer política pública efetiva em sua defesa, enquanto os animais silvestres dispõem de entidades como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – (IBAMA) que se esforçam em defendê-los. Embora a lei 9.605, no artigo 32, não faça distinção da tutela legal entre as duas categorias, para os animais domésticos,

---

<sup>3</sup> Link: <http://bit.ly/Z941Ez> - Acesso em 27/06/2014.

conforme denúncias do Instituto Nina Rosa<sup>4</sup>, “sobram políticas de extermínio, nos moldes das câmaras de gás nazistas, perpetradas por órgãos ligados às municipalidades”. No que se refere ao sacrifício de animais nos rituais religiosos, parece “mais defensável” até mesmo para os praticantes advogarem o uso de animais domésticos, por não haver ameaça à biodiversidade. (NETO et al., 2009 apud MACHADO, 2013, p. 6-7).

No entanto, entidades filantrópicas voltadas a abrigar animais domésticos abandonados têm reivindicado o fim do sacrifício de animais no candomblé e mantido um enfrentamento da questão, como ocorreu em 2010, quando integrantes das ONGs Fala Bicho e Suipa foram à Delegacia do Meio Ambiente do Rio de Janeiro, onde o sacerdote de Candomblé Fernando Maurício estaria a prestar depoimento, para protestar contra o sacrifício de animais. Em solidariedade ao sacerdote, muçulmanos, judeus e integrantes da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) também estariam no local. Interessante observar, segundo Machado (2013), que “um problema de legislação ambiental ganha contornos de debate religioso” [...], como contrafluxo, “a inserção do religioso em um problema ambiental”. Diante do exposto, é oportuna a reflexão proposta pelo autor: “Mas, afinal, quem pode, segundo a lei, sacrificar animais na sociedade brasileira?”. No entendimento do autor:

Um Estado que se define como ambientalmente democrático (conforme art. 225 e parágrafos da Constituição Federal de 1998), poderá, sim, criminalizar as práticas sacrificiais candomblecistas, desde que, isonomicamente, revendo a legislação, feche praças de rodeios, hipódromos, laboratórios de pesquisa, jardins zoológicos e, principalmente, as indústrias de abate por meio cruel, de um país que é o maior produtor e exportador mundial de proteína animal no mundo. Esse debate, contudo, suplanta a discussão ética destas práticas, remetendo-a a níveis políticos, que têm a democracia pluriétnica e multicultural como pano de fundo. (MACHADO, 2013, p. 8)

Em relação ao bem-estar animal, o debate é bastante amplo na arena internacional, principalmente em relação à pesquisa científica. Países que investem muito nessa

---

<sup>4</sup> Disponível em: [HTTP://www.ninarosa.org.br](http://www.ninarosa.org.br) – Acesso em: 11 nov. 2012 (apud Machado, 2013)

área criaram um aparelhamento institucional refinado de fiscalização ética. Nesse sentido, o Brasil tem sido alvo de críticas e absorve essas críticas com “regulamentações mais ou menos flexíveis”, a exemplo da lei 9.605/98, que não proíbe nem mesmo as experiências cruéis com animais, se não houver outro meio para se atingir o resultado pretendido. A mesma flexibilidade se percebe na questão dos rodeios (prática regulamentada e não proibida pelo Estado brasileiro), que estabeleceu algumas medidas visando o bem-estar dos animais, ainda que se questione o conceito de bem-estar para um animal que “será perseguido, atormentado e laçado” (MACHADO, 2013, p. 8).

No caso da indústria de abates, a questão é agravada, segundo Machado (2013), em razão de estarmos não diante de um animal, o gado, mas de um bem econômico, importante fonte geradora de tributos para os cofres públicos da União, dos Estados e Municípios, restando para essa categoria, o “abate humanitário”, “cínica expressão” baseada em uma suposta preocupação com o bem-estar animal. Como se pode observar, as relações homem-animal na sociedade brasileira são bastante conflituosas, no entanto, a conclusão do autor, com amparo legal, simplifica as questões, ainda que no plano ideal:

O fato é que, se seguíssemos, com rigor, ao pé da letra, o enunciado no art. 32 da Lei 9.605/98 e o Decreto Lei 24.465/34, todas as atividades, desde a experimentação científica até o abate, seriam inviabilizadas, uma vez que todas, sem distinção, implicam em maior ou menor nível de agressão aos animais. É evidente que o Estado Brasileiro optou em não proibi-las, mas regulamentá-las visando ainda que com algum grau de cinismo político, o bem-estar dos animais. (MACHADO, 2013, p. 9)

No Fórum Municipal do Bem-Estar Animal, realizado em Vitória no dia 10 de abril de 2014, no qual efetuei observação participante, o palestrante convidado, Ricardo Trípoli, deputado federal por São Paulo, eleito com a plataforma da proteção animal, destacou a questão da violência aos animais, ao mencionar a crueldade a que são submetidos os animais de circo pelos seus treinadores:

Animais de circo são verdadeiros escravos, passam a vida indo das jaulas para o picadeiro e do picadeiro para as jaulas. Não raro os elefantes, quando ficam velhos, são abandonados em cidadezinhas por onde passam.

[...] Ursos são treinados para dançar usando-se sob os seus pés uma chapa de metal que esquenta a medida que a música toca. [...] Primatas e elefantes são amestrados com porretes.

Embora tenha sido enfatizado o caráter suprapartidário da causa animal, o Fórum Municipal do Bem-Estar Animal foi marcado por algumas críticas a políticos que se omitiram às demandas de movimentos que há algum tempo tentam sensibilizar os gestores públicos do município de Vitória, como é o caso do Partido dos Trabalhadores (PT), que na gestão anterior, segundo Virgínia Brandão, presidente da Sociedade Protetora dos Animais do Espírito Santo (SOPAES)<sup>5</sup>, não deu respostas às demandas dos militantes.

O atual prefeito, Luciano Resende, também foi alvo de críticas por ter vetado o projeto de lei que proibia o uso de carroças no município de Vitória. Em entrevista que me foi concedida por Virgínia Brandão em 18/02/2014, data anterior à da realização do Fórum, ela enfatizara a importância do projeto. Sem que aja nenhum controle sobre essa atividade, os militantes acreditam que os animais de carga (burros, cavalos), levam uma vida de sofrimento, muitas vezes com um final trágico<sup>6</sup>. Na ocasião, Virgínia fez um relato da passeata realizada recentemente na Praia de Camburi<sup>7</sup> em 17/02/2014, que deixou evidente a insatisfação dos ativistas do bem-estar animal com a decisão do prefeito, quando muitos dos participantes usavam máscaras com o seu rosto.

Durante o fórum, o auditório, quase totalmente ocupado, contava com a presença de muitos grupos de protetores de animais e simpatizantes da causa, alguns representantes políticos, uns deles compondo a mesa, outros em meio aos participantes. Virgínia Brandão, presidente da SOPAES, desde 2008, e uma das mais importantes representantes da Proteção Animal no município de Vitória, destacou a importância da realização do Fórum e dos projetos que a prefeitura de

---

<sup>5</sup> A SOPAES é uma ONG fundada em 1998.

<sup>6</sup> Durante a entrevista tive acesso a diversas fotos que mostravam a violência e os maus-tratos com os animais de carga, a exemplo de um animal que teve os olhos arrancados pelo seu “dono” por não ter mais condições para o trabalho.

<sup>7</sup> Link: <http://www.eshoje.jor.br/conteudo/2014/02/noticias/geral/15017-marcha-em-defesa-dos-animais-acontece-em-camburi-neste-sabado.html> - Último acesso em 08/06/2014.

Vitória pretendia implantar, em resposta às reivindicações dos militantes ali presentes.

Um primeiro passo nessa direção aconteceu em 13 de fevereiro de 2014, quando o prefeito Luciano Resende recebeu, em seu gabinete, representantes de entidades voltadas à proteção animal, para celebrar a assinatura do decreto que prevê a criação de um grupo de trabalho multidisciplinar permanente, para discutir e programar ações em benefício da integridade física e psicológica dos animais domésticos na capital, através do “Projeto de Saúde e Bem-Estar Animal”.

Esse é um compromisso de campanha com a cidade de Vitória e cria o conceito de uma cidade solidária e humanizada, que cuida dos animais domésticos, ou seja, todos aqueles que dependem do homem para a sua sobrevivência, explicou o prefeito Luciano Rezende. [...] Essa nova política animal vai dar uma conotação de respeito, solidariedade e de sensibilidade ao governo. Com o aumento no número de castrações, a cidade passa a ter um controle maior da população animal, que é de aproximadamente 30 mil.<sup>8</sup>

Dentre as ações previstas, a educação humanitária deverá ser incluída como conteúdo extracurricular nas escolas, com ênfase na guarda responsável. O número de castrações que, no ano de 2013, chegaram a 950 deverá aumentar em 2014 contemplando dez por cento da população dos animais de rua, o que corresponderia a três mil animais. Uma atribuição importante do grupo será a elaboração de leis municipais e o fortalecimento do poder da polícia municipal no controle aos maus tratos e abandono de animais. A expectativa de militantes e protetores é de que Vitória se eleve a outro patamar, a partir da construção de uma arena municipal mais consolidada, com políticas públicas mais eficientes no atendimento à questão dos animais.

Esse é o resultado de uma luta constante travada com as autoridades públicas do município de Vitória que começa a apresentar resultados. A esse respeito, destaco algumas das posições dessa arena decisória sobre a questão animal em Vitória, manifestadas no encontro de ativistas com o prefeito.

---

<sup>8</sup> Fonte: Vitória. Secretaria de Comunicação. **Grupo de trabalho vai discutir ações para o bem-estar dos animais na capital.** 13 de fev. 2014. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/secom.php?pagina=noticias&idNoticia=13745> (data do último acesso: 26/05/2014).

“Estou muito feliz. Procuo isso há mais de sete anos à frente da SOPAES. Estamos dando o pontapé inicial de um processo que vai mudar a história dos animais do Estado. Vamos ter condições de fazer um bom trabalho, de reduzir a população animal nas ruas”, disse Virgínia Brandão, presidente da SOPAES”.

“Este é um decreto que tem futuro. Aliás, nós já estamos até atrasados nesse ponto. Então, eu entendo que ele vem num momento muito bom. As clínicas vão começar a se movimentar no sentido de colaborar com a Prefeitura para que possamos colher os frutos no futuro, comentou o veterinário Sílvio Queiroz de Oliveira, proprietário da CLIMEV”.<sup>9</sup>

No desenvolvimento desse trabalho, tenho observado que há uma diversidade temática crescente sobre animais de estimação, que tem provocado uma ampliação das arenas decisórias para questões que vão surgindo em função da convivência e da relação de afeto estabelecida entre humanos e seus animais ao longo do tempo. Recentemente a TV Gazeta colocou em debate o projeto de lei n. 402/2013 que previa o transporte de animais de estimação em coletivos. Posteriormente vetado pelo prefeito, o projeto atenderia a demanda de grande parte da população que, não dispondo de veículos particulares, tem dificuldade em levar seus animais para tratamentos em clínicas, quase sempre distantes de seus locais de moradia<sup>10</sup>.

Uma das questões mais recorrentes atualmente que, em muitos casos termina em conflitos entre vizinhos, é a proibição de animais de estimação em condomínios residenciais. A despeito do desagrado de muitos condôminos que se incomodam com a presença de animais, a jurisprudência tem cada vez mais um histórico de decisões favoráveis à permanência dos pets em apartamentos. Vivenciei uma experiência dessas em meu condomínio. Em 2009, um casal de moradores, vizinhos ao meu apartamento, após tomarem conhecimento de que o regimento interno impedia-os de manter sua cadelinha com eles, recorreram à justiça e a causa foi ganha em primeira instância. Apesar do condomínio não ter apresentado recurso, o casal optou por mudar de endereço, sob a alegação de que não gostaria de conviver com pessoas que não gostassem de animais.

---

<sup>9</sup> Fonte: idem.

<sup>10</sup> Fonte: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2014/04/camara-aprova-lei-que-permite-animais-em-onibus-de-vitoria-es.html> - (Data do último acesso: 28/05/2014).

No Fórum Municipal do Bem-estar Animal, citado anteriormente, outras propostas foram apresentadas, na esperança de que se tornem leis. Uma delas, que sugiro ligar-se mais à corrente abolicionista do ativismo animal<sup>11</sup>, propõe que todos os restaurantes sejam obrigados a oferecer uma opção de cardápio vegetariano. Finalizando o elenco de demandas que envolvem o direito dos animais, destaco uma, que deverá ser apresentada como projeto de lei, pelo Deputado Ricardo Trípoli, que busca assegurar aos donos de animais de estimação a possibilidade de enterrarem os seus animais nos cemitérios de suas famílias.

Diante de tal conjuntura, fica evidente que a categoria “animal” está em cheque (Sahlins, 2008), e, à sua esteira, outras categorias, como “alimentação”, “vestuário”, passam por uma revisão, como mostra também o movimento vegano que será abordado em menor medida no transcorrer desse trabalho.

Steven Bartlett (2000, p. 17), em sua abordagem sobre os direitos dos animais, observa que o direito dos animais tem se voltado para questões interconectadas, como o status de propriedade, a personalidade jurídica e a capacidade processual dos animais não humanos, e que esses tópicos são, sem dúvida, as principais preocupações a serem debatidas. No entanto, Bartlett (2000) entende que é preciso buscar na psicologia humana os fatores que subjazem à resistência humana aos direitos dos animais, e à “cruel e arrogante” exploração dos animais pela nossa espécie. Voltado a esse objetivo, o autor oferece o que se considera um primeiro estudo da psicologia humana e dos bloqueios conceituais que fazem resistência ao avanço dos direitos dos animais, no sentido de consolidar uma base teórica realista que possa avaliar a eficácia nas tentativas de alcançar uma mudança efetiva, considerando-se que “[...] a lei e o direito são produtos da atividade humana e carregam, inevitavelmente, os padrões da mentalidade humana”. [...] (p.18-20)

O primeiro entrave identificado por Bartlett (2000) é o status de propriedade, com suas implicações jurídicas e práticas que levam a grandes limitações na capacidade de proteger os animais e seus interesses. Um sistema jurídico que trate os animais como ‘coisas’ tende a ser extremamente falho. No entanto, o autor enfatiza que para além de fatores de ordem psicológica, que implicam em considerar os animais como

---

<sup>11</sup> O ativismo do Direito dos Animais divide-se, grosso modo, em duas importantes arenas de discussão: bem-estar x abolição animal, embora os dois movimentos apresentem pontos de convergência.

coisas, existem forças econômicas e políticas atuando na resistência aos direitos dos animais e, para ele, uma perspectiva psicológica poderia analisar quais dessas dimensões da realidade humana causam maior impacto sobre o inconsciente coletivo. Do ponto de vista de um economista, talvez, fosse sustentado que fatores psicológicos seriam nada mais que manifestações das próprias variáveis econômicas. (BARTLET, 2000, p. 19)

Embora os animais não humanos nunca tenham titularizado direito algum, no estágio jurídico atual há um gradual aumento de casos em que os tribunais entendem que o valor de um animal não pode ser reduzido ao valor de uma mera propriedade. Segundo Bartlet (2000, p. 33), observa-se também um aumento considerável no número de ações bem sucedidas por danos morais, decorrentes de maus tratos e morte de animais.

Importante destacar que o discurso pró-animal no campo jurídico é marcado por duas ideologias que disputam arenas: os teóricos homocêntricos, a exemplo de William Baxter, Peter Singer, que entendem que o valor de um animal ou de uma espécie depende do grau de importância que eles têm para o homem, e nesse sentido algumas espécies são mais valorizadas do que outras. Para resumir a questão, na posição homocêntrica, o valor afetivo de um animal não humano é mensurado levando-se em conta os seres humanos. A outra corrente ideológica, a dos teóricos do valor intrínseco, a qual pertencem John Muir, Christopher Stone, compartilham a crença de que a natureza, assim como as espécies animais existem para os seus próprios propósitos, ou seja, possuem valor em si mesmo, e não devem ser avaliadas em função dos interesses humanos (BARTLET, 2000, p. 32).

Segundo Bartlet (2000), para que se entenda o estágio atual dos direitos dos animais, é preciso considerar duas razões, ambas homocêntricas, que têm norteado a história da relação do homem com as outras espécies: A primeira tem um fundamento teológico, a exemplo da inscrição no livro do Gênesis, que confere ao homem, o poder de dominação sobre a natureza e sobre os animais, dos quais ele poderia se servir para o seu sustento. A segunda razão está implícita na teoria da espécie-centro, que considera os não humanos invariavelmente como sendo seres inferiores. (BARTLET, 2000, p. 27-28)

O autor conclui que o narcisismo humano exacerbado e o orgulho de espécie bloqueiam a sensibilidade e a empatia para se avaliar necessidades, desejos, interesses e sentimentos de terceiros, incluindo os animais, impedindo o refinamento moral e o sentimento de compaixão que levem a uma mudança do paradigma atual. Nas palavras de Bartlet:

“Existem patologias de um tipo conceitual que prejudicam nossas intenções, geralmente de maneira que não reconhecemos. Patologias epistemológicas desse tipo frequentemente tornam nossos objetivos inatingíveis, pois desconstroem a realidade das mais diversas formas”. (BARTLET, 2000, p. 59-51).

Portanto, para que aconteça o avanço das conquistas dos direitos dos animais, segundo Bartlet (2000, p. 66) será preciso um esforço contínuo para que se promovam mudanças radicais no pensamento e nos sentimentos humanos. Só assim a resistência humana aos direitos dos animais poderá ser superada. Essa monografia objetiva contribuir de alguma forma nesse sentido, ao tratar um tema não muito considerado dentro das Ciências Sociais.

## **Apresentação da monografia**

No capítulo seguinte, será apresentado o foco principal da análise e da parte empírica dessa monografia, o Patinhas Carentes, que representa o nó górdio da pesquisa, através do qual pretendo trazer material empírico, conseguido através de observação participante, para pensar sobre os altos níveis de violência contra animais domésticos percebidos no município de Vitória. O histórico do grupo na proteção animal justifica essa expectativa, em razão de que tentar minimizar as consequências da violência aos animais abandonados faz parte das práticas diárias de seus integrantes. Destaco que a questão da violência contra os animais domésticos/de estimação já me preocupava desde o recolhimento de *Belinha*, uma cadelinha que, já estando em fase terminal da doença do carrapato, viveu por um mês em minha companhia, tempo suficiente para me sensibilizar com o sofrimento dos animais de rua.

Nessas circunstâncias, a minha inserção no cotidiano do Patinhas Carentes estaria em consonância com a perspectiva de Saada (2005), que defende a urgência em reabilitar a sensibilidade na antropologia, reconsiderando a questão do afeto, sempre tão negligenciado pelos antropólogos, e que ela considera como uma dimensão central no trabalho de campo. No meu caso, não havia escolha - eu já havia me deixado afetar – e, se tal fato não tivesse ocorrido a priori, não levaria muito tempo para acontecer, pois o Patinhas Carentes é palco privilegiado onde humanos e não humanos se afetam continuamente. A autora destaca que deixar-se afetar não significa obter o conhecimento por empatia. Ocorre que, nessa condição, o antropólogo tem acesso a um tipo de “comunicação específica”, sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, que pode ser manifestada verbalmente ou não<sup>12</sup>. A essas situações de comunicação, Saada (2005) concede estatuto epistemológico e afirma que deixar-se afetar é “assumir o risco de ver o projeto de conhecimento se desfazer”, mas “se o projeto não se perde em meio a uma aventura, então, uma etnografia é possível”. (SAADA, 2005, p. 155-160)

A escolha do Patinhas Carentes se deu em função da minha aproximação com o grupo, por ocasião do resgate de *Francisca* e seus dois filhotes, do qual participei junto com Luísa, integrante do grupo *na época*. Os animais estavam em um terreno próximo ao meu edifício e *Francisca* ameaçava a todas as pessoas que passavam por perto. Preocupada de que eles pudessem ser vítimas de alguma maldade, liguei para Luísa, que eu já conhecia por ser vizinha de uma das minhas irmãs. Após o resgate, e com a intenção de acompanhar o caso, criei meu perfil no *Facebook* e assim fiquei conhecendo o trabalho desenvolvido pelo Patinhas Carentes. Considerando-se que as políticas públicas no município de Vitória ainda são muito incipientes, a importância do grupo Patinhas Carentes é relevante, não apenas no que diz respeito ao atendimento aos animais vítimas da violência, mas como elemento potencializador da arena da questão animal em Vitória, ainda incipiente.

---

<sup>12</sup> “Noto, aliás, que, quando um etnógrafo lembra-se do que houve de único em sua estada em campo, ele fala sempre de situações em que não estava em condições de praticar essa comunicação pobre, pois estava invadido por uma situação e/ou por seus próprios afetos. Ora, nas etnografias, essas situações, apesar de banais e recorrentes, de comunicação involuntária e desprovida de intencionalidade não são jamais consideradas como aquilo que são. [...] Poder-se-ia dizer, inclusive, que virar um etnógrafo profissional é tornar-se capaz de maquiar automaticamente todo episódio de sua experiência de campo em uma comunicação voluntária e intencional visando ao aprendizado de um sistema de representações nativas” (SAADA, 2005, p. 160).

No último capítulo, apresentarei e analisarei dados referentes ao estado das políticas públicas de Vitória voltadas à questão dos animais domésticos, através de diálogo estabelecido com Virgínia Brandão (história de vida, via entrevista semiestruturada); de questionário aplicado ao Centro de Vigilância em Saúde Ambiental da Prefeitura de Vitória; e análise do artigo 113, inciso III, da Lei Orgânica nº 8121 do Município de Vitória - voltado para a posse responsável de animais domésticos e/ou domesticados e que previu sanções para o descumprimento das mesmas.

Por fim, as considerações finais, onde apresentarei uma síntese dos resultados mais relevantes observados na pesquisa.

## 2. Patinhas Carentes e a Proteção Animal

Reconhecendo o Patinhas Carentes como um dos agentes participantes da constituição de uma arena devotada aos animais não humanos em Vitória/ES, a pesquisa empírica que embasa a presente monografia abordou mais em detalhes como se deu o surgimento do grupo e sobre a sua atuação. No primeiro semestre de 2008, ele se consolidou como grupo de proteção animal, “fruto do engajamento de universitárias da UFES com a causa animal”, como é relatado em diversos dos materiais de divulgação do mesmo<sup>13</sup>. O grupo original foi formado por três integrantes: Paula, Priscila e Ludmila. Inicialmente o trabalho era voltado aos animais abandonados na UFES. Logo em seguida esse trabalho se estenderia ao Centro de Controle de Zoonoses de Vitória, através do apoio a suas atividades e, ao longo do tempo, a atuação do grupo se ampliaria no atendimento aos animais da Grande Vitória.

Atualmente o Patinhas Carentes é composto por seis voluntários ativos: Paula e Priscila, fundadoras do grupo, e mais quatro integrantes que se juntaram a elas: Flávia, Laryssa, Karoline e Rhayner.<sup>14</sup> O grupo não possui uma sede própria, o que implica que grande parte dos animais recolhidos fique em lares provisórios, muitas vezes dos próprios voluntários ou de amigos que se dispõem a esse trabalho, enquanto os animais esperam por uma família definitiva.

De acordo com informações obtidas com Karoline, através de troca de e-mails, em janeiro de 2014, o número de animais resgatados varia muito, às vezes cinco a dez animais em um mês (muitas vezes mães com filhotes ou prenhas), em outros meses nenhum animal é resgatado. Como referência, em 2013 foram resgatados cento e cinquenta e um animais, o que levaria a uma média de quase treze animais por mês. Já o número de adoções é bem menor: dos cento e cinquenta e um animais resgatados em 2013, trinta e três ainda estão disponíveis para adoção:

Boa parte destes resgates foi de filhotes, se fossem adultos a quantidade de animais que ainda estariam conosco seria maior, filhotes geralmente a

---

<sup>13</sup> Como a apresentação do perfil que está no Facebook - <https://www.facebook.com/patinhascarentess> (data do último acesso: 26/05/2014).

<sup>14</sup> Paula é formada em Psicologia e graduanda em Medicina Veterinária; Priscila é formada em Direito; Flávia está cursando o último período em Psicologia; Larissa, o último período em Pedagogia; Karoline é graduanda em Medicina Veterinária; e Rhayner tem o segundo grau completo.

gente doa em semanas ou até mesmo um, dois meses (salvo casos de quando estão muito doentes quando filhotes e acabam crescendo com a gente durante o tratamento, ai se tornam adultos conosco). Cães e gatos adultos levam em média um ano para serem adotados, mas já tivemos casos de cães que permaneceram conosco por 2 anos e meio. Cães pretos são difíceis de doar, gatos pretos são quase impossíveis, levamos meses ou até um ano para conseguir doar um gato preto. (Mensagem de email, de janeiro de 2014).

Essa relação desigual entre animais recolhidos e adotados justifica o limite de atuação do Patinhas, que muitas vezes recebe críticas quando não pode atender a alguma solicitação de resgate. Em resposta a pergunta de nº 8 do questionário aplicado<sup>15</sup>, uma das voluntárias desabafou: “As pessoas esquecem que nós somos pessoas normais; também temos namorados, maridos, estudos. [...] também temos um limite. Também temos sentimentos e sofremos muito cada vez que precisamos dizer que não podemos ajudar” [...].

O espaço usado como abrigo pelo Patinhas Carentes foi cedido pelo avô da Paula: [...] “Pedi ao meu avô que me deixasse trazer uns quatro animais provisoriamente para cá. [...]”. Com o passar do tempo, o número de animais aumentou e o espaço continua a ser usado não só como abrigo, como também para a realização das feiras de adoção, festas de Natal, festas juninas e também carnaval, como o realizado pela primeira vez, em fevereiro de 2014, com direito a “cãocurso” e distribuição de prêmios para os participantes. Todos os eventos objetivam arrecadar recursos para o trabalho com os animais.

A história comum do grupo tem sua origem em encontros inusitados com os animais, conforme demonstram várias respostas obtidas no questionário aplicado<sup>16</sup> para a pergunta de número 2: como essa sua atuação foi iniciada? (antes da formação do Grupo Patinhas Carentes).

---

<sup>15</sup> Link de acesso para o formulário: [https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit\\_requested=true](https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit_requested=true) - (Acesso em 24 maio. 2014).

<sup>16</sup> Os integrantes do grupo optaram por responder as perguntas de forma anônima, que foi uma das opções contempladas no questionário.

“Eu já resgatava animais antes do Patinhas. Na verdade, uma cadelinha me deu o ‘golpe da barriga’. Resgatei uma cadelinha que eu achei que estava prestes a parir, mas depois descobri que nem grávida estava... e depois dela foi difícil fechar os olhos”.

“A primeira vez que me envolvi na causa animal foi ao encontrar a minha atual cadela, ainda filhote presa dentro de uma sacola de lixo amarrada, com água dentro, em uma tentativa de afogamento. Após isso, resgatei mais uma cadelinha que havia sido atacada por outra cadela e a adotei”.

“Iniciou cuidando dos animais que viviam no campus da Ufes”.

“Aos meus doze anos quando um cachorro foi atropelado e ninguém se moveu.”

As dificuldades enfrentadas por cada um/a foram apontadas pelo grupo, em resposta à pergunta de número 3, como a razão para se unirem a favor de um mesmo ideal:

“Eu não estava mais dando conta de fazer aquele trabalho sozinha. Muitos gastos, muito trabalho, e como não conheço muitas pessoas, tinha dificuldade para conseguir adoção. Juntei-me ao Patinhas para nos ajudarmos e para sermos mais fortes juntas”.

“Após o resgate de uma cadela prenha, precisei de ajuda para doar os filhotes e pedi ajuda ao grupo Patinhas Carentes, que já existia há alguns anos”.

“Quando precisava resgatar a Cristal, uma cadelinha q[ue] estava muito doente e não havia local para abrigá-la”.

“O trabalho surgiu na verdade da união de pessoas que compartilhavam o mesmo sentimento em relação aos animais que viviam na Ufes. Em seguida realizamos o voluntariado no Centro de Controle de Zoonoses e a necessidade de divulgação nas redes sociais fez com que surgisse o nome e a organização”.

Apesar do trabalho reconhecido em Vitória e de contar com o apoio de simpatizantes da causa dos animais, o grupo ainda enfrenta muitas dificuldades, a começar pelo fato de não ser uma ONG, o que facilitaria o acesso a recursos de empresários e do poder público. Essa é uma das expectativas identificadas no questionário, nas respostas à pergunta de nº 16 - sobre quais as perspectivas do Patinhas Carentes em relação ao futuro e quais as dificuldades para a realização dessas perspectivas. Seguem duas delas: “Nos tornarmos ONG. [...] para a criação da ONG precisa ser acima de 10 pessoas, no momento temos apenas 06 voluntários. A burocracia também é um empecilho”; “[...] ter uma sede própria com estrutura adequada para receber os animais, ter o apoio de empresas e poder público”.

O número reduzido de voluntários e os limites financeiros são as duas questões mais importantes enfrentadas pelo grupo. Segue trecho de comentário de uma das integrantes do grupo em um dos nossos encontros: “[...] com poucas voluntárias passamos a maior parte do tempo que temos cuidando e priorizando os animais que estão em situação de risco, doentes, em tratamento”. Uma das preocupações apontadas no questionário aplicado ao grupo é em relação ao futuro: “Me preocupo muito com o nosso futuro [...] com o passar do tempo temos cada vez menos integrantes e as integrantes estão cada vez mais ocupadas com trabalho, escola, etc.” As inúmeras tarefas que envolvem o trabalho com os animais são assumidas pelas integrantes do grupo de forma democrática, conforme depoimento do próprio grupo, mesmo a voluntária encarregada da coordenação dos trabalhos não se isenta da participação nas demais tarefas.

Com base na observação dos encontros que tenho mantido com o grupo, desde o início da pesquisa, em novembro de 2013, quando tive a oportunidade de participar da rotina de trabalho que antecede ao evento da feira de adoção, como nos diálogos com os voluntários durante as feiras, eu diria que o trabalho transcorre de uma forma bastante harmoniosa. As atividades descritas no questionário convergem com essa conclusão:

Nós não temos exatamente uma divisão de tarefas. Fazemos de tudo um pouco... resgate, escala no terreno (limpeza, medicação, alimentação, cuidados, transporte para animais (o meu carro é um dos poucos que temos), mutirão, banhos, reuniões, feiras de adoção, responder e-mails, monitorar adotados... por aí vai. Ah, e dar lar provisório, claro.

Minha casa é um dos locais que usamos para oferecer lar provisório para os cães. Com isso, limpo o local onde os mesmos ficam diariamente, [eu] os alimento duas vezes ao dia (o que me impede de viajar ou fazer qualquer coisa que leve mais do que um dia), banhos, cuidados a mais com animais em tratamento. Já no abrigo, atuo semanalmente na limpeza do local, alimentação e etc. Algumas vezes durante a semana saio para levar animais para consultas, exames, cirurgias e etc.

[...] Coordeno as atividades do grupo, organizo feiras de adoção, dou lar temporário em casa, faço escala aos finais de semana na sede do grupo, transporto os animais para consultas, exames, cirurgias. Cuido da parte financeira do grupo, toda parte de divulgação nas redes sociais e do email.

O Patinhas Carentes conta também com a ajuda de alguns profissionais que reconhecem as dificuldades enfrentadas pelo grupo no atendimento aos animais, em função da grande demanda de tratamentos, cirurgias, que implicam em altos custos. Dentre esses profissionais estão a Dra. Alessandra, do Mordomia Pet, que tem sido a principal veterinária do Patinhas. Outros veterinários também ajudam com cirurgias (Univet; SOS Veterinária; Bixus); consultas com especialistas: Dra. Ana (Mascote); Dr. Gustavo (SOS – cirurgias ortopédicas). Além disso, alguns centros de diagnósticos, como a Petscan, CDVet - às vezes fazem algum desconto.<sup>17</sup>

Atualmente a ferramenta mais importante do Grupo Patinhas Carentes são as redes sociais, em especial a página no Facebook, onde a maior parte dos recursos é captada entre amigos e pessoas solidárias à causa<sup>18</sup>. Através da página do blog do grupo, também é possível o acompanhamento das ações desenvolvidas com os animais, desde o recolhimento nas ruas, os tratamentos efetuados, as adoções e a pós-adoção e onde são feitos os convites para todos os eventos promovidos pelo grupo.<sup>19</sup> É ainda no Facebook que o Patinhas apresenta com regularidade os recibos de pagamentos feitos a clínicas veterinárias, numa demonstração constante da preocupação da equipe com a transparência na prestação de contas aos seus seguidores. Muitos particulares também se beneficiam da página, para conseguir lares para animais recolhidos eventualmente, dando maior agilidade ao processo, principalmente quando se trata de filhotes.

Uma síntese das ações mais importantes desenvolvidas pelo Patinhas Carentes está relacionada nas respostas à pergunta de número um do questionário online realizado para esta pesquisa, em especial nessa resposta: “Os animais são resgatados das ruas ou de qualquer outra situação de abandono e maus-tratos. Passam por consultas, exames, cirurgias (quando necessárias), vacinas, vermifugação, castração e encaminhamos para adoção consciente”.

Sendo que o objetivo principal dessa monografia é contextualizar o tema da violência aos animais domésticos no município de Vitória, busquei entender a visão

---

<sup>17</sup> Conteúdo obtido nas respostas do questionário online. Link: [https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit\\_requested=true](https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit_requested=true).

<sup>18</sup> Link: <https://www.facebook.com/patinhascarentes> (acesso em: 17/05/2014).

<sup>19</sup> Link: <http://patinhascarenteses.blogspot.com.br/> (data do acesso: 26/05/2014).

do Patinhas Carentes sobre quais atos os seus integrantes configurariam como atos de violência contra os animais. (pergunta nº 4). Pelo conteúdo das respostas obtidas observa-se que a visão do grupo sobre a violência não está restrita às agressões físicas, mas, que ela abarca uma gama variada de situações que concorrem para um déficit no que se considera bem-estar do animal:

R-1 Todos os previstos pela lei e mais vários, como não fornecer o cuidado veterinário necessário, deixar o animal preso em coleira ou canil durante várias horas, ou preso na varanda o dia inteiro. Fico também horrorizada com a forma como tratam animais como cavalos e burros na nossa cidade. Qualquer exploração para briga, aposta, etc.. Acho que, se você consideraria violência com um ser humano, é violência com o animal também.

R-2 Todo e qualquer tipo de agressão física. Abandono dos mesmos, mantê-los em condições inadequadas.

R-3 Violência seria manter em condições inadequadas de saúde e bem-estar. Agressão física, psicológica como bater, manter em local sujo, apertado, em corrente, sem dar banho, passando fome, sede, solidão.

R-4 Abandono, cárcere privado sem comida e água, higiene do animal e etc.

Destaco abaixo, as ações consideradas mais importantes pelo grupo, a serem adotadas pelo poder público, no caso a Prefeitura de Vitória, na solução do problema dos animais abandonados. (Em resposta a pergunta nº 15) <sup>20</sup>: (1) Castração gratuita ou pelo menos mais acessível; (2) Clínica veterinária popular; (3) Vacinação óctupla (V8) com preços mais acessíveis; (4) Lei que proíba a venda de animais não castrados em pet shops, e que fiscalize melhor os criadores; (5) Melhor fiscalização de maus tratos e afins. E ainda: Resposta 2: Ajuda de custo aos abrigos e protetores; criação de um hospital público para animais; Resposta 3: [...] Atividades como a conscientização na escola, punição para pessoas que cometerem maus tratos, campanhas em de castração, hospital público veterinário, campanha de posse responsável.

---

<sup>20</sup> Vide anexo nº 1

## 2.1 O Mutirão de Limpeza – Preparando Para a Feira de Adoção

Para além dos formulários online, adotou-se também o método de observação participante, para acompanhar atividades do Patinhas Carentes, toda realizada na sede provisória do mesmo. Primeiramente, no dia 23/11/13, quando fiz o meu primeiro contato com integrantes do grupo, exatamente no dia antecedente à feira de adoção de 24/11/13. Os outros momentos da observação participante aconteceram por ocasião de diferentes feiras de adoção: em 24/11/13; na feira de Natal, em 15/12/13; e, em 23/02/14, onde se realizou o primeiro carnaval do Patinhas Carentes; e, finalmente, na feira de adoção de 18/05/14.<sup>21</sup>

No dia 23/11/13, cheguei à sede do Patinhas Carentes às 9.50 horas, minutos antes da hora marcada para o início dos trabalhos, Rhayner já se encontrava no local. Identifiquei-me e, antes que ele abrisse o portão, chegaram juntas Paula e Priscila. Apresentei-me e expliquei o objetivo da minha presença e depois de uma breve conversa, me ofereci para o trabalho. De início, Rhayner me explicou como limpar as caixas de areia e passei a dividir essa tarefa com ele. Havia sete gatinhos em gaiolas, numa pequena sala onde o grupo mantém a organização do Patinhas, onde também ficam arrumadas em prateleiras as rações, roupas de cama, toalhas, material de limpeza e medicamentos usados nos animais. Na parede, os prontuários organizados cuidadosamente com os nomes, indicavam os horários e as medicações que cada animal devia tomar.

Em seguida, juntei-me ao pequeno grupo de voluntários, que participava do habitual mutirão de limpeza, dividindo com Flávia, Karol e Cinthya<sup>22</sup> as tarefas de organização do espaço para a realização da feira de adoção. Em conversa com Priscila, ela comentou que havia poucos voluntários aos sábados: “[...] dificilmente alguém quer “abrir mão” de ir à praia para vir aqui [...] Outros vêm, mas com o tempo acabam deixando de vir.” [...]

A essa altura, os animais já se encontravam soltos e começavam a receber os cuidados de higiene: limpeza de ouvidos, exame do pelo, para controle de

---

<sup>21</sup> A menos que se referencie o contrário, todo o conteúdo de informações dos subitens I e II, do Capítulo II, foi obtido com base na observação participante nas feiras de adoção, nas datas citadas acima.

<sup>22</sup> Cinthya estava se desligando do Patinhas Carentes por motivos de trabalho, mas pretendia continuar apoiando o grupo.

carrapatos, corte de unhas, enquanto outros animais recebiam as medicações prescritas. Enquanto isso, Paula e Priscila examinavam prontuários, papéis, formulários, tarefa de rotina na preparação para a Feira de Adoção. Nem todos os animais são soltos ao mesmo tempo porque juntos eles fazem muito barulho, e é preciso evitar problemas com a vizinhança (Priscila comenta sobre uma vizinha que ameaçava envenenar os animais). Esse foi o meu primeiro encontro com alguns dos personagens símbolos desse trabalho, porque todos eles têm a marca da violência ou dos maus-tratos em suas histórias: *Sula – Geraldo – Mel – Ney – Lolita – Becky – Nico – Chico – Docinho*. O Patinhas Carentes deu a esses animais uma segunda chance de uma vida melhor. Durante todo o dia de trabalho, as voluntárias faziam frequentemente pequenas pausas para distribuir carinho aos animais, numa demonstração evidente de que o convívio com aqueles animais havia estabelecido entre eles uma real troca de afeto.

O trabalho transcorria em clima de animação, até que o casal que havia ligado mais cedo chega ao local, por volta das 16.00 h, para entregar *Meg*. A tristeza toma conta de todos, principalmente daquelas voluntárias do grupo que vivenciaram a história da cachorrinha, desde a sua chegada ao Patinhas Carentes, até o momento da sua adoção. O problema de pele era comum aos outros filhotes, irmãos de *Meg*, e assim como *Meg*, todos haviam se curado. Passados os primeiros momentos de indignação, o grupo se voltou para os cuidados com a cachorrinha. Nesse momento ouço Flávia dizer: “Ah minha linda, você voltou prá gente!”

No decorrer do dia, nos diálogos com o grupo, vou obtendo informações que me levam a entender a amplitude do trabalho que envolve a proteção animal. Um dos aspectos mais relevantes, a meu ver, é a questão do lar provisório, que, em alguma medida, todo o grupo acaba tendo que assumir. Na ocasião, segundo Flávia, Karol tinha oito ou nove animais em sua casa; ela própria havia assumido cinco do Patinhas e mais um que ela recolheu e que trata carinhosamente como “meu velhinho”, um cão velho e cego que ela não teve coragem de encaminhar para adoção.

Antes do encerramento, Paula e Priscila pediram sugestão de nomes para dois gatinhos que seriam oferecidos em adoção na feira do dia seguinte. Os dois foram batizados com os nomes de Badoo e Bruce (sugestão minha). Karol comenta sobre

alguém que quer adotar um cão e o grupo passa a analisar o perfil do candidato. Já me despedindo do grupo, conversei com Priscila sobre a minha admiração com o trabalho delas. Ela comenta: “É um trabalho de formiguinha, uns animais saem, outros chegam [...] a gente vai enxugando gelo”.

Já passa das 17.00 h e o grupo de voluntários está encerrando o dia. Os animais são carinhosamente recolhidos aos seus espaços, após terem sido alimentados. Em casa os outros adotados esperam por cuidados. Amanhã é domingo, mas, para as “meninas (o) do Patinhas” será apenas mais um dia de trabalho.

## 2.2 A Feira de Adoção

A Feira de Adoção do Grupo Patinhas Carentes, acompanhada em 24/11/2013, é o cenário onde as histórias cruzadas entre humanos e não humanos, nesse caso, os cães e gatos recolhidos pelo grupo, têm o seu início. Não raro, o primeiro contato com os *pets* acontece através da página do Facebook, onde as escolhas começam a se delinear. O catálogo de fotos<sup>23</sup>, cuidadosamente preparado, se encarrega da apresentação dos animais e de criar a empatia entre os que desejam ter a companhia de um animal de estimação e aqueles animais que correspondam às características pensadas pelos adotantes. Nos acessos sistemáticos que fiz à página do grupo ao longo dessa pesquisa, pude observar que, em grande parte, essa empatia é manifestada de forma imediata. Nesses casos, as feiras de adoção são o momento de encontro com os animais escolhidos, o que não significa que uma visita às demais baias, onde os animais ficam expostos, seja dispensada.

Outro tipo de público que chega à feira de adoção vem acompanhado por pessoas que já conhecem o trabalho do Patinhas Carentes, muitas delas já tendo animais adotados do próprio grupo ou de outros grupos de protetores de Vitória, e que assumem o papel de agentes multiplicadores da proposta da proteção animal. Um terceiro grupo de interessados em adoção é formado de pessoas que transitando pelo local da feira, são atraídas pelo *banner*, colocado à entrada da feira com o

---

<sup>23</sup> <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=641351752601121&set=a.638540569548906.1073741870.10001789061017&type=3&theater> . Acesso em 03/06/14

anúncio da Feira de Adoção. Desse grupo, segundo informações de uma das voluntárias, muitos buscam animais de raça.

A feira de adoção ocupava a metade do terreno da sede do Patinhas, que é dividido por um muro com portão. A outra parte do espaço, onde o grupo mantém a sua organização ficava mais reservada aos integrantes do grupo, e a alguns animais que por algum motivo (muitas vezes por se encontrarem em tratamento) não iriam participar da feira. No horário marcado para o início da feira (10.30 h), o ambiente já estava preparado para receber os visitantes, pois o trabalho das voluntárias começara cedo, por volta das 8.00 h. Logo à entrada, a feirinha de produtos oferecia itens variados, alguns voltados aos *pets*, como coleiras, petiscos, roupinhas, na sua maioria vindos de doações de amigos e familiares do grupo. No meio a eles encontramos algumas utilidades como capa de óculos, lixeirinhas para carro, canecas, camisas, sempre decorados com a figura de cães e gatos, mensagens voltadas à causa dos animais e a logomarca do Patinhas Carentes.

Seguidamente ao espaço da feirinha, ficavam as baias com os animais, todos eles com coleiras, enfeitados com gravatas ou lacinhos, e sempre sob os cuidados de um voluntário. Boa parte do voluntariado que atua nas feiras de adoção, assume parte da escala de horário, através da página do Facebook, outra parte é composta de pessoas que frequentam os eventos do Patinhas e que, ao chegar, se disponibilizam para o trabalho. É preciso manter esses animais sobre controle porque o ambiente da feira costuma deixá-los agitados, sem contar que alguns deles às vezes brigam entre si. Havia nesse dia dezessete pessoas, entre voluntários e integrantes do grupo, dividindo as tarefas do dia. Todos os voluntários vestiam um jaleco do Patinhas Carentes e um crachá, contendo as especificações de cada animal: nome, idade, local de resgate, condições do animal na ocasião do resgate e suas características principais (brincalhão, afetivo, se relacionava bem com outros animais, etc.).

Logo em seguida à abertura da feira, Flávia me trouxe um jaleco e me encarregou de cuidar de *Melissa*, uma poodle cega, recém-chegada ao Patinhas. *Melissa* devia ficar no colo porque estava muito agitada com o barulho. Tomei o meu lugar na baia, com a cadelinha trêmula em meus braços, e pouco tempo depois Flávia veio buscá-la, porque, ao contrário do que eu imaginara, foi de Melissa o primeiro formulário de

adoção a ser preenchido. Um casal, que havia chegado cedo ao local, manifestou imediatamente o desejo de adotá-la. A mulher veio até a baia, pegou Melissa e a abraçou afetuosamente, e a partir daí Flávia passou a conversar com o casal sobre o processo de adoção. Vale ressaltar que nenhum animal é levado para adoção no dia da feira, salvo exceções, como no caso de alguém que já estivesse com o processo de adoção em andamento e que tenha tido o perfil aprovado, ou em casos de pessoas conhecidas do grupo, que representem uma garantia de que o animal será bem cuidado. O formulário, criteriosamente elaborado (vide anexo 3) tem o objetivo de conscientizar o adotante para a guarda responsável, como indicam as perguntas de nº 9: “*O QUE VOCÊ FARIA... Se tivesse que mudar de endereço?; Se alguém em sua casa engravidasse?; Se o animal arranhasse ou mordesse o seu filho? [...]*”.

Durante todo o tempo que permaneci na feira de adoção, colaborando com os trabalhos ou conversando com os presentes, tive a oportunidade de ouvir inúmeras histórias dos animais e seus donos, todas elas marcadas pelo sentimento de compaixão, implícito na opção de adotar um animal de rua, na sua maioria animais *sem raça definida* (SRD)<sup>24</sup>. Eis algumas delas.

Beth é moradora da Mata da Praia e voluntária do Patinhas Carentes há alguns meses. Ela tem três animais em casa, todos retirados da rua. Beth se diz muito preocupada quando vê um animal perdido, e comenta sobre dois animais que ela encontrou perto de sua casa aos quais teve a oportunidade de ajudar. Um deles foi encaminhado a uma clínica das redondezas, e logo o dono do animal apareceu, pois já estava à sua procura. De outra vez encontrou uma cadelinha e acabou convencendo uma moradora do bairro, que havia perdido recentemente sua cachorrinha, a ficar com ela.

Geni tinha adotado há alguns meses um animal do Patinhas Carentes. A proximidade com o grupo fez dela, não só uma admiradora, como também uma colaboradora frequente nos eventos. Geni acreditava que o que dá forças ao grupo para continuar o trabalho é ver a reabilitação dos animais.

---

<sup>24</sup> Denominação usada em substituição à expressão vira-latas.

Clara, também colaboradora do grupo, adotou *Susi* há dois anos no Patinhas e o seu irmão adotou dois animais. Clara relatou: “a *Susi* estava no cio, levei-a para minha casa como lar provisório. Ela se deu muito bem com a minha cachorra, que é bem igual a ela, e, aí, acabei ficando com ela”.

Bárbara fora à feira com a mãe e três filhos para participar do trabalho. Ela se disse muito ligada à causa da proteção animal. Em visitas realizadas ao Centro de Zoonoses, acabou adotando três cães. Sua filha mais velha, que cuidava de um animal na baia vizinha à minha, me disse que está se preparando para o vestibular de medicina veterinária. Outra história comovente foi a de Rhayner, integrante do Patinhas Carentes, que sempre teve a presença dos animais em sua vida. Desde criança tinha o hábito de recolher cães e gatos de rua, e, para isso, contava com o apoio de sua mãe, que segundo ele, sempre gostou muito de animais. Atualmente, ele mora sozinho e sua mãe mora num sítio, onde continua a manter alguns animais. Rhayner me disse que assumia a função de lar provisório para o Patinhas Carentes e para outro grupo de protetores (nome não declarado). Na ocasião, ele tinha em sua casa, sete cachorros seus e três do Patinhas, além de dois animais do outro grupo. Na semana em que se realizava a feira de adoção, ele ainda havia recolhido mais dois animais da raça poodle, uma delas, a *Pepita*, recolhida para o Patinhas Carentes, sendo que Rhayner pensava em ficar com ela.

Por volta das 11.00 h, Larissa, que estava nesse dia encarregada da mesa onde ficavam os formulários para adoção, informou-me que haviam seis formulários preenchidos: três para *Sula*, dois para *Melissa* e um para *Becke*. Observei nas feiras de adoção seguintes que essa situação se repete: vários pretendentes para os mesmos animais.

Em meio ao movimento da feira, chegou um senhor com seu sobrinho, para levar o animal que havia adotado. Karol apareceu trazendo o animal, que até então, ela mantinha abrigado em sua casa, e o entregou ao seu novo dono. Ela acariciava o animal, enquanto passava algumas instruções para o homem, e, em pouco tempo o viu sair, de coleira nova, e entrar no carro sem hesitar. Guardando alguma distância, observei Karol vendo em silêncio o animal ir embora. Nesse momento, veio-me um pensamento recorrente: como fica o emocional de alguém que acolhe provisoriamente um animal, cria com ele laços tão estreitos e depois tem que

entregá-lo? Coloco essa questão porque evitar esse conflito é uma das principais razões apontadas por boa parte dos meus interlocutores na pesquisa, o motivo pelo qual muitas pessoas não se dispõem a assumir o compromisso da guarda provisória.

Na superação do sentimento de apego e afeição ao animal, que o lar provisório acarreta, está, a meu ver, a maior grandeza do trabalho da proteção animal, dificuldade que tem sido vencida pelo grupo Patinhas, a partir de um pensamento comum, bem definido por Paula, quando a questioneei sobre como se sentia nesse momento: “no começo era muito difícil. Eu me sentia como se tivesse abandonado um filho. Agora penso que estou dando a eles uma segunda chance, a oportunidade de ter um lar”. Paula fala sobre *Zara*, uma poodle cega de um dos olhos, que havia sido adotada há dois meses e que estava em visita à feira de adoção. “A *Zara* dormiu dois meses no meu quarto”. Paula tem em sua casa três animais e mantém sete ou oito animais como lar provisório. Ela se diz muito apoiada pela família, especialmente por sua mãe, que, em dias de feira, cuida dos animais porque sabe que ela vai chegar cansada. Comento com Paula que esses dois dias de participação no Patinhas me haviam mostrado a dimensão que o trabalho do grupo representava. Em resposta ao meu comentário, Paula argumenta:

[...] Só quem tem muito amor a essa causa consegue ficar. Já teve gente que saiu porque depois de um tempo, disse que não dava mais para ficar fazendo tarefas de limpeza. [...] Mas, é tudo uma construção. Eu não prestava atenção aos animais. Uma amiga minha, sempre me fazia parar quando víamos um cachorro de rua. Ela dizia: volta, vamos dar alguma coisa para ele comer, e eu falava: cachorro de rua sabe se virar! Com o tempo fui vendo que não era bem assim, fui me envolvendo e passei a alimentar alguns animais. Depois, comecei a pensar: e o dia que eu não venho, como vai ser? [...] Tem muito jovem que só pensa em aproveitar a vida, em trabalhar e ganhar dinheiro. Eu me vejo velhinha fazendo isso, é o que gosto de fazer [...].

O relato de Paula remete à ética da compaixão, formulada por Schopenhauer, que defende a ideia de que o ato moral não é movido com base na razão, como propõe a ética do dever kantiano, mas através do sentimento de compaixão que ocorre quando a ação humana visa apenas os interesses do outro, a chamada ação

desinteressada.<sup>25</sup> A ação compassiva surge através de um evento espontâneo, que ultrapassa o egoísmo da Vontade, unidade da qual participam todos os fenômenos, como nos outros seres humanos ou nos animais. Essa capacidade, que Schopenhauer nomeia ‘consciência sentida’ é que nos permite reconhecer o sofrimento do outro, e de senti-lo como nosso. Nas suas palavras:

A autêntica bondade de disposição, a virtude desinteressada e a pura nobreza não se originam do conhecimento abstrato, embora sem dúvida se originem do conhecimento imediato e intuitivo que não pode ser adquirido ou eliminado via raciocínios. (SCHOPENHAUER *apud* DALCOL, 2012, p. 93).

Voltando à Paula, ela me contou do tempo em que o grupo atuou no Centro de Zoonoses, se empenhando em fazer com que as coisas por lá funcionassem bem. Passaram a dar banhos nos animais, cuidavam da alimentação, mas acabaram tendo que sair porque a direção do Centro passou a alegar preocupação de que o grupo pudesse reivindicar direitos trabalhistas.

Às 15.30 h, horário marcado para o encerramento da feira, grande parte do público e dos voluntários já havia se retirado. As “meninas (o)” do Patinhas começaram a encaminhar os cães aos seus espaços, alimentá-los e guardar todo o material utilizado na feira. À noite ainda restaria o trabalho de análise dos formulários para que no outro dia a resposta aos pretendentes à adoção fosse dada.

Nas outras oportunidades que tive de inserção junto ao grupo Patinhas Carentes, através da observação participante, nas feiras de adoção de 15/12/2013 (Feira de Natal); 23/02/2014 (Carnaval do Patinhas) e em 18/05/2014 (minha última participação, antes da finalização dessa monografia), pude reforçar a ideia de que a divisão do trabalho do grupo acontece de forma harmoniosa e não hierárquica.

---

<sup>25</sup> Essa é uma antiga discussão filosófica sobre os fundamentos da moralidade, que busca compreender se o ato moral funda-se na razão ou no sentimento. Nesse sentido, duas abordagens consagradas se opõem: a ética do dever, proposta por Kant, e a ética da compaixão de Schopenhauer. Para Kant, o que move a ação moral é o cumprimento rigoroso ao mandamento racional do dever, orientado pelas faculdades racionais do ser humano como um imperativo categórico: “Age apenas segundo a máxima pela qual possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal”. (KANT *apud* DALCOL, 2012, p. 89). Schopenhauer se opõe à Kant afirmando que a ação moral como dever é uma ‘afronta’ ao sentimento moral genuíno: “Combinações artificiais de conceitos de qualquer espécie não podem nunca, quando se leva a sério, conter o verdadeiro impulso para a justiça e a caridade. (SCHOPENHAUER *apud* DALCOL, 2012, p. 92).

A feira de adoção de Natal, em 15/12/2013, foi um momento muito especial, com grande número de visitantes, como também um momento de reencontro de alguns animais adotados com seus antigos companheiros, que ainda se encontravam à espera de um lar definitivo. Dentre eles, estava *Zara*, bem arrumada e feliz com sua dona, prestigiando o evento. O ambiente decorado com enfeites natalinos, a começar pela grande árvore logo na entrada, era mais uma manifestação do carinho do grupo com os animais. Havia um padrinho para cada um deles e presentes para todos. Clara, como sempre, se encarregava das fotos.

As cenas se repetiam: os voluntários com jalecos, os animais nas baias, os questionários sendo preenchidos, ou ainda, uma troca de opiniões sobre os perfis dos candidatos à adoção, tudo isso num clima de muita animação. Ouço o grupo combinar uma visita a um dos interessados em adotar um animal, tarefa que exige certa habilidade para evitar constrangimentos. Geralmente é solicitado ao adotante que mande fotos do local onde o animal ficará. Após a adoção ser concretizada é feito um acompanhamento para se certificar que o animal esteja bem. Se tais cuidados podem parecer em demasia, a experiência do grupo demonstra que uma adoção criteriosa evita sofrimento ao animal, que, em alguns casos, acaba sendo descartado de forma irresponsável.

Alguns dos animais que ficam com as integrantes do grupo, como lar provisório, estavam presentes na feira. Percebi algumas vezes a agitação deles quando viam os seus donos, e algumas cenas demonstravam a forte ligação estabelecida entre ambos, o que fazia com que Karol, ao transitar pela feira, tentasse se esconder atrás de alguém para que Arthur não se agitasse. Em um momento de folga, eu a vejo “conversar” com ele, carinhosamente: “você sabe que eu não posso ficar com você.” Arthur foi resgatado com aproximadamente 45 dias e está em sua companhia desde abril de 2013. Segundo ela, já houve quem quisesse adotá-lo, mas desistiu quando percebeu que ele tem uma deficiência em uma das patas traseiras, o que não o impede de brincar, correr, subir e descer escadas.

Ao final do dia, pelo número de formulários preenchidos, a expectativa era de que a feira resultasse em algumas adoções (a média é de três animais por feira). Dessa vez houve uma demanda maior por gatos. A rotina de encerramento se repetiu: os

cães e gatos foram alimentados e encaminhados aos seus espaços e o grupo se preparava para voltar aos seus lares.

Na feira de adoção de Carnaval, a primeira realizada com esse tema, foram vendidos ingressos a cinco reais, que davam direito ao sorteio de prêmios, sendo o primeiro deles uma bicicleta. O cãocurso programado estimulou a participação de um grande número de animais (contei aproximadamente sessenta), sendo que sete deles haviam sido adotados no Patinhas. Um tapete vermelho marcava o local do desfile. Os dois pátios estavam movimentados e todas as mesas ocupadas. Havia venda de cerveja, refrigerantes, cachorros-quentes, doces, sacolés, etc., na sua maioria doação de familiares e amigos do grupo.

A música de Carnaval se encarregava de animar o público. O sorteio foi realizado pela Flávia, que convocava a atenção de todos para a entrega dos prêmios aos ganhadores. Em seguida Flávia anunciou o início do cãocurso. Minutos antes ela me dissera que haviam se decidido a fazer a festa de carnaval porque estavam precisando cobrir alguns gastos extras. Feliz com o resultado, o grupo pretende continuar fazendo as feiras nessa data. Em meio aos participantes, reencontrei *Zara*, vestida com uma fantasia de frevo, e, justamente ela, seria mais tarde, a vencedora do cãocurso.

Novas histórias foram surgindo como as de Sarah que tem três cachorros e uma gata, todos eles animais de rua. Ela contou que tocava guitarra em um grupo de rock e, em uma noite, enquanto esperava para fazer um lanche viu uns meninos, em um valão, apertando uma gatinha. Então gritou: “Ei, essa gata é minha”. Os meninos ficaram surpresos, pois estavam se preparando para alguma brincadeira de mau-gosto. Sarah pegou a gatinha e a levou consigo. Disse-me que passou dias dormindo em casa de amigas para ver se arranjava alguém que quisesse ficar com a gata, pois sua mãe a proibira de levar mais animais para casa. Como não conseguiu ninguém, Sara levou-a para sua casa e deu-lhe o nome de Piaff, em homenagem à cantora famosa. Sarah continuou: “Assim como a cantora, ela saiu do nada, da podridão, sem nenhuma expectativa, e, de repente, ela era tudo, e a Piaff era tudo para mim”.

Flávia falou do *Elvis*, irmão da *Lolita*, ambos adotados com o grupo Patinhas Carentes e que estavam presentes ao carnaval. Falou também da *Serena*, uma

cachorrinha que ficara em sua casa e que ela acompanhara por algum tempo após a adoção. Flávia relatou que depois de algum tempo foi buscar *Serena* para vacinar. Quando *Serena* a viu chegar, começou a uivar desesperada, deixando o próprio veterinário admirado. Flávia disse que esses momentos são muito difíceis para o grupo, mas, que depois de algum tempo os animais ficam bem e elas também. Flávia prosseguiu: “Muitos aqui passaram pela minha casa. Aí, eu sinto quando eles não ligam mais prá mim, mas ao mesmo tempo fico feliz porque é sinal que eles estão bem adaptados ao dono”.

De Paula ouvi a história de *Said* e *Kate*: resgatados em Itararé, os dois são inseparáveis. *Said* chegou a ser adotado, mas, no momento de ir embora, já entrando no carro ele se voltou correndo para perto de *Kate*. Em respeito ao afeto dos dois animais, o grupo espera por uma adoção conjunta, o que torna mais difícil o processo. Esse não é o único caso. Tem também a *Milly* e o *Bart*, seu filhote, que não fica sem ela. Quando se separam (até mesmo para tomar banho) ele se desespera, chora, uiva, até que veja a mãe novamente. Paula os levou para a sua casa e aguarda alguém que se disponha a ficar com os dois.

No capítulo seguinte, faremos um mapeamento das políticas públicas no município de Vitória, no que concerne à proteção animal, paralelamente a uma análise da lei orgânica municipal nº 8121, que prevê os direitos dos animais. Nesse contexto será destacado mais um agente de grande importância na arena da proteção animal em Vitória, a presidente da SOPAES, Virgínia Brandão, que desde que assumiu em 2008 essa função, faz um trabalho que extrapola em grande medida as possibilidades da SOPAES como instituição não governamental. Também serão utilizadas as informações do Centro de Vigilância em Saúde Ambiental (CVSA), obtidas através de questionário protocolado na prefeitura de Vitória em 23/01/2014, e de uma simulação de solicitação de resgate, elaborada com o intuito de verificar os desdobramentos de uma demanda do cidadão nessa questão.

Quanto à Virgínia Brandão, os dados vieram através de entrevista concedida em 18/02/2013, com os quais tentei montar uma breve história de vida para entender como se deu a sua trajetória da militância na proteção animal até a inserção na política do município.

### 3. Proteção Animal Versus Políticas Públicas – Contextualizando a questão no município de Vitória.

Sem contar com uma estrutura básica dos órgãos públicos para o atendimento aos animais de rua, os grupos de proteção animal têm prestado um serviço de utilidade pública da mais alta relevância, minimizando consideravelmente o sofrimento dos animais abandonados, que ficam expostos a todo tipo de violência, desde o abandono sumário, até atos de requintes de crueldade - como é o caso de que tomei conhecimento durante essa pesquisa, através do site Youtube, de um cãozinho de apenas quatro meses que foi enterrado vivo pelo seu dono<sup>26</sup>, morador de Novo Horizonte, interior de São Paulo. Titã, nome que lhe foi dado após o resgate, foi salvo graças a uma vizinha que, sentindo a falta do animalzinho, buscou ajuda para encontrá-lo. A denúncia foi feita e, talvez, em razão da grande repercussão do caso na mídia, o dono do animal se encontrava foragido.

Diante dessa realidade, muitos grupos voltados à proteção e ao bem-estar dos animais foram se formando no município de Vitória, através das redes sociais, onde conseguem mobilizar recursos e voluntariado para a manutenção do trabalho em favor da causa animal, o que, por outro lado, demonstra o que disse Bruno Latour (2012) de que o social é a associação entre diferentes seres. A teoria do Ator-Rede (ANT)<sup>27</sup> de Latour propõe uma reformulação do debate sobre o 'social', a partir do distanciamento das generalizações trazidas pela concepção de 'duras' estruturas preexistentes, contidas na sociologia do social, para uma sociologia das associações, na qual o pesquisador tem que "arrastar-se como uma formiga" para estabelecer até o mais insignificante dos vínculos, considerando que os não humanos também podem atuar como mediadores, gerando força e significados. Segundo Latour, os não humanos falam o tempo todo, mas não são ouvidos (LATOURE, apud PRATES, 2013, p. 206-210).

---

<sup>26</sup> Link: <https://www.youtube.com/watch?v=duYM9QAE6F4>. Acesso em 18/06/2014

<sup>27</sup> Na tradução optou-se manter o acrônimo ANT – Actor-Network-Theory em inglês – ao invés de usar TAR, as iniciais da Teoria do Ator-Rede, seu correspondente em português. TAR seria a escolha mais precisa, mas TAR não evoca nada ao leitor, não lembra nenhum animal, menos ainda a singela formiga com a qual Latour se identifica várias vezes ao longo do texto. Ao se descrever como formiga o autor brinca e ri de si mesmo. (LATOURE, 2012, p. 11, *apud* PRATES, 20013).

Retomando a questão dos grupos de proteção animal em Vitória, alguns deles são bastante conhecidos como é o caso do Au-aufanato e do Animais Carentes que já atuam há alguns anos, além da Sociedade Protetora dos Animais do Espírito Santo (SOPAES), considerada a precursora do trabalho voltado aos animais no estado.

Paralelamente aos grupos de proteção, existe uma rede formada por grande número de particulares que, de forma autônoma, acabam assumindo a guarda de outros animais além daquele escolhido pela família, como é o caso de Nelma D. T., moradora da Praia do Canto, que já resgatou e encaminhou para adoção vários animais de rua e abriga hoje em sua casa três cães e uma gata resgatada recentemente, que havia perdido uma perna e que talvez não conseguisse um dono. Os custos dessas ações são bastante expressivos, a começar pelos medicamentos, que em muitos casos superam os valores da farmácia convencional. No entanto, diante de algumas situações, a omissão fica impossível para aqueles que são sensíveis à causa e estabelecem relações de afeto com os animais – respeitadas às diferenças de situações, têm-se aqui a preocupação em minimizar a dor dos animais que sofrem, preocupação relatada em Haraway (2011), no caso de pesquisadores e técnicos que trabalham em ambiente de laboratório.

No sentido da formação, ainda em andamento, de uma arena municipal devotada aos animais domésticos em Vitória, no sentido de Hannigan (2009), a pressão exercida pela militância da proteção animal resultou na aprovação da Lei - na forma do Art. 113 - inciso III da Lei Orgânica nº 8121 do Município de Vitória - que estabeleceu normas para a posse responsável de animais domésticos e/ou domesticados e previu sanções para o descumprimento das mesmas. Aprovada pela Câmara Municipal e sancionada pelo então prefeito João Coser, em 25 de maio de 2011, representou um marco no combate à questão da violência e dos maus-tratos aos animais em Vitória, bem como no entendimento de que o Direito dos Animais é um problema social em expansão e que o município de Vitória não poderia ficar à margem. Destaco abaixo os pontos que considero mais relevantes da lei.

“Artigo 1º - Fica caracterizado como dever de cidadania a posse responsável de animais domésticos e/ou domesticados ficando proibido o abandono de animais em logradouros públicos ou em áreas particulares desabitadas ou vazias por mais de 48 horas. (residências, terrenos, fábricas, galpões e estabelecimentos comerciais).

O descumprimento do artigo 1º incorre em sanções que vão desde o valor de R\$ 100,00 (cem reais) para pessoa física até R\$ 500,00 (quinhentos reais) para pessoa jurídica. No caso de reincidência caberá a duplicação do valor da multa, e no caso de terceira incidência, sendo o infrator pessoa jurídica, proceder a cassação do alvará de funcionamento do estabelecimento. [...]

Artigo 4º - Trata da destinação dos animais apreendidos, ficando a escolha a critério do órgão responsável pelo recolhimento. As opções previstas passam pela adoção, doação e leilão (quando o animal possuir valor econômico). [...]

Artigo 9º - Obrigatoriedade da vacinação - Obriga o proprietário de animais a manter o certificado de vacinação em dia para que seja apresentado a autoridade competente sempre que solicitado. No caso do responsável pelo animal não estar de posse do certificado, será intimado a providenciar a vacinação no prazo máximo de 20 (vinte dias). [...]

Artigo 13 – O Poder Público poderá destinar espaços, nas áreas públicas, para permanência ou circulação de animais soltos. [...]

Capítulo VI - Trata das responsabilidades do proprietário em relação à manutenção e alojamento dos animais assegurando-lhes: I) Adequadas condições de bem-estar, saúde, higiene [...]; II) Alimentação e água na frequência, quantidade e qualidades adequadas à sua espécie, assim como o repouso necessário; III) Manter limpo o local [...] remoção diária de dejetos [...]; IV) Assistência médica veterinária [...] VI) Evitar a procriação ininterrupta, de forma a prevenir danos à saúde do animal. [...]

O artigo 23 - Parágrafo único – Prevê que o controle da população de cães e gatos deverá ser feito pelo Poder Público, através de programas de esterilização permanentes, vedada [grifo meu] a utilização da eutanásia com essa finalidade. [...]

O artigo 28 - Delega ao Poder Público o compromisso da realização de campanhas educativas, visando: I) a prevenção do abandono e da superpopulação de animais; II) conscientização da população da necessidade da posse responsável e do controle reprodutivo de animais; [...].

Ocorre que, lamentavelmente, essa lei não tem eficácia real em decorrência da ausência de agentes fiscalizadores para inibir os abusos de maus tratos e a violência, assim como a omissão das responsabilidades atribuídas aos proprietários de animais, deixando assim os transgressores isentos de punição. O que se sabe é que as sanções impostas estão até agora restritas ao pagamento de alguns quilos de ração.

Com o objetivo de verificar como está essa questão, contatei o Centro de Vigilância em Saúde Ambiental (CVSA), através de questionário que protocolei em 23 de janeiro de 2014. Nele, constavam doze perguntas, elaboradas no sentido de mapear as políticas públicas da Prefeitura de Vitória. Pelas respostas, verificou-se que quase

todas as ações contempladas na política de atendimento aos animais não priorizam os direitos ou o bem estar do animal não-humano e sim os interesses dos cidadãos.

Nessa perspectiva, a única vacina ofertada pelo CVSA é a vacina antirrábica, ainda que o controle da leishmaniose e da cinomose sejam questões importantes a serem tratadas, por implicarem em matéria de saúde pública. Outro ponto a destacar é que os animais de rua são recolhidos apenas quando representam algum risco para as pessoas, como é o caso de cães com sintomas de raiva ou com comportamento considerado violento. Animais atropelados ou com doenças graves, quando são recolhidos, acabam passando pelo processo de eutanásia, descumprindo o artigo n. 23 da lei. Esse é o ponto crucial da questão da violência aos animais. A tensão constante entre protetores e poder público, nesse caso o CVSA, é que, a princípio e no geral, nenhum grupo de proteção animal aceitaria e/ou assumiria a eutanásia como solução da questão dos animais abandonados. A proibição da eutanásia, restrita aos animais saudáveis, não atende aos princípios de compaixão que movem os protetores e representa uma desconsideração à relação de afeto estabelecida no convívio entre ambos, considerando-se que, grande parte dos animais eutanasiados pelo CVSA, provavelmente teriam a possibilidade de viver, se tratados adequadamente.

Desse modo, a imagem que se tem do Centro de Zoonoses, até o momento, fica expressa na indignação de Cris, protetora autônoma atuante em Vitória há aproximadamente quatro anos, bastante conhecida pela sua página no Facebook “Crys Adote”: “É o último lugar [em] que você deve levar um animal”.<sup>28</sup>

Em entrevista para essa pesquisa, Virgínia Brandão, tratando do assunto, respondeu enfaticamente: “A eutanásia não foi proibida, só foi proibida para os animais saudáveis, tanto que o freezer está cheio!” (se referindo ao Serviço de Controle de Animais da Prefeitura) “[...] mas se eu pegar um animal doente ou atropelado na rua, eu não vou matar, vou cuidar dele... mas cuidar é caro”. Segundo Virgínia, há aproximadamente dois anos, havia uma cota de produtividade que o Centro de Zoonoses tinha que cumprir. Os portões ficavam abertos para que os animais entrassem e, se dentro de três dias não aparecessem os donos, esses animais eram sacrificados. Virgínia prossegue:

---

<sup>28</sup> Cris estava presente no meu encontro com Virgínia Brandão, em 18 de fevereiro de 2013.

Depois, a Associação Amigos dos Animais no Espírito Santo (AMAES)<sup>29</sup> entrou com uma liminar proibindo a eutanásia em animais saudáveis, então eles deixaram de recolher os animais, mas a eutanásia acontece. Teve uma época que os voluntários faziam um bom trabalho lá, mas, começaram a incomodar então deram um jeito deles saírem.

A informação acima, dada por Virgínia, coincide com a que me foi passada pela Paula, integrante do Patinhas Carentes, no que diz respeito à participação do grupo no Centro de Zoonoses, como também esse teria sido um dos motivos de sua saída do grupo, embora tenham sido alegadas razões trabalhistas.

Como ferramenta de pesquisa para esse trabalho, recorri a uma simulação de solicitação de resgate de animal ao CVSA, que teve o seguinte desdobramento: A abertura do pedido se deu em 07/11/2013 – SIC nº 2013069874 - Detalhamento: *“Solicita recolhimento de um animal canino fêmea, porte médio cor marrom. Relata que o animal está ferida e com dificuldade de andar. Solicita urgência”*. No contato telefônico através do 156 (Fala Cidadão, da Prefeitura de Vitória), fui avisada pela atendente de que o prazo para atendimento seria de cinco dias. Sendo assim, questionei se o animal poderia ficar sob a minha guarda enquanto eu esperava a ação dos agentes do CVSA. A resposta foi que, nesse caso, a responsabilidade passaria a ser minha. No dia 11/11/2013 - decorridos quatro dias da solicitação - uma atualização de chamado me informava sobre o pedido: *“Encaminhado para equipe de campo para atendimento”*.

Esta não foi a primeira vez que me deparei com tal situação, em que a ausência do poder público ficou evidente. Em dois episódios anteriores, tratando do recolhimento de animais de rua, ouvi de pessoas que já se encontravam no local que a solicitação ao Centro de Zoonoses havia sido feita. Nos dois casos, o protocolo apenas postergou o recolhimento, o que incorreu na mobilização de grupos de protetores que se sensibilizaram com o sofrimento dos animais e solucionaram a questão. Esse fato deixa claro que as ações do Setor de Controle de Animais do CVSA no que

---

<sup>29</sup> Link: <http://www.wspabrasil.org/redeparceiros/brasil/AMAES.aspx> .

concerne às solicitações de resgate de animais mostra total ineficiência, levando-se em conta o caráter de urgência das solicitações.

Existe um déficit em quase todas as demandas na questão da proteção animal quando se confronta as informações obtidas no questionário encaminhado ao CVSA e as repassadas por grupos de proteção animal. Um exemplo é o número de animais recolhidos – em média quinze cães por mês, ou seja, um total de 180 animais por ano, enquanto grupos de proteção animal, que tem suas atividades mantidas exclusivamente com recursos privados, igualam essa estatística, a exemplo do Patinhas Carentes que, em 2013, recolheu cento e cinquenta e um animais, num esforço que implica em uma luta cotidiana em busca de doações para equilibrar o orçamento mensal com o objetivo de fazer face às despesas de tratamento, consultas, internação, medicamentos, vacinação, além de produtos de higiene e limpeza, compra de ração, etc.

Um relatório da SOPAES<sup>30</sup>, do período de 2009 a 2010, já apresentava dados significativos evidenciando a importância dos grupos de proteção animal na diminuição do déficit público: 180 animais castrados, 205 animais adotados, 270 consultas, 240 exames laboratoriais, 24 cirurgias especiais, 214 animais em lares provisórios, 4000 quilos de ração doados e 4000 quilos de ração encaminhados para animais em lares provisórios.

Outra questão negligenciada pelo CVSA diz respeito ao sepultamento de animais, que, no entendimento do órgão, é de responsabilidade dos proprietários. No entanto, sem um lugar definido para o encaminhamento adequado, os animais mortos acabam sendo descartados em terrenos baldios da periferia, outros jogados em rios ou em lixões, levando risco à saúde pública. Quando solicitado esse serviço ao 156, a opção oferecida ao cidadão é o recolhimento pelo caminhão do lixo ou a sugestão de um sepultamento em cemitério de iniciativa privada, o que representa um custo fora do alcance de pessoas de baixa renda.

Importante destacar que o intercurso dessa pesquisa pode ser considerado um momento de transição, no qual, há uma expectativa de que os compromissos assumidos pela Prefeitura de Vitória, na pessoa do Prefeito Luciano Resende, sejam

---

<sup>30</sup> Fonte: Dados apresentados no folder da instituição.

cumpridos.<sup>31</sup> A presença de Virgínia Brandão, como representante da SOPAES no ato de implantação do programa de Bem-Estar e Proteção Animal, com o seu histórico de mais de sete anos de luta pelo direito dos animais, somados ao fato de que ela tenha aceito o convite do próprio prefeito para trabalhar a seu lado, representa, no processo construcionista de Hannigan (2009, p. 118), a figura do patrocinador institucional, que poderá assegurar na arena política a legitimidade e a continuidade ao projeto e às conquistas da agenda política e da legislação.

Em entrevista que me foi concedida, em 18 de fevereiro de 2013, selecionei alguns dados para fazer uma breve história de vida de Virgínia, para entender como se deu a sua trajetória até a Presidência da SOPAES. À hora marcada – 9.00 h – eu já me encontrava em frente à sua casa. Virgínia chegou meia hora depois se desculpando pelo atraso. Ela havia levado um animal para atendimento em uma clínica. Poucos dias antes, quando fiz meu primeiro contato, para solicitar a entrevista, Virgínia também estava socorrendo outro animal: foi pegar de volta uma cachorrinha que havia sido adotada e que a pessoa estava devolvendo. “[...] a gente faz tudo para que não aconteça nada aos animais que nós resgatamos. Não posso nem mostrar a minha indignação com a pessoa... tem que parecer que está tudo bem, e ainda tenho que agradecer de estar recebendo a cachorra viva”.

O sentimento é o mesmo demonstrado por Priscila, do Grupo Patinhas Carentes, na minha primeira observação participante, realizada no dia anterior à Feira de Adoção de 23/11/2013, quando presenciei a devolução da Meg, uma cachorra que havia sido adotada em ótimas condições de saúde e voltava com um grave problema de pele, por falta de cuidados. Priscila chegou logo após a chegada de Meg: “Ainda bem que eu não estava aqui [...] eu ia dizer tudo “na lata”. Pessoas assim acabam com o nosso trabalho”. As voluntárias que receberam Meg evitaram comentários com o casal que a devolvia. Assim como no relato da Virgínia, a indignação foi

---

<sup>31</sup> Essa expectativa ficou registrada em uma das respostas ao questionário aplicado ao grupo Patinhas Carentes: “A prefeitura de Vitória não tem atuado de forma ativa na proteção animal, agora com a entrada da Virgínia Brandão no centro de controle de zoonoses as coisa começaram a melhorar, fazendo feira de adoção, [...] posse responsável [...]”.

contida em favor da causa: demonstrá-la poderia levar outras pessoas a abandonarem os animais adotados, ao invés de devolvê-los.

Virgínia chegou para a entrevista acompanhada de Chrys, protetora de animais já citada nesse trabalho e que tem acompanhado Virgínia há algum tempo. Enquanto Virgínia toma algumas providências em casa, Chrys falou sobre o seu trabalho: “Fico conectada 24 horas no Facebook”. Chrys abriga atualmente em sua casa doze cães e dois gatos. Pergunto se todos estão disponíveis para adoção: “Apenas três, os outros ninguém quer, são animais velhos, com problemas físicos e que exigem cuidados especiais” [...] Chrys ressalta: “faço doação consciente, porque tem muita gente que doa muitas animais sem se preocupar de como eles vão ficar depois”.

[...] Chrys conheceu Virgínia quando socorreu uma cachorrinha perto da sua rua e que estava com o maxilar pendurado. “Fui ao “Aufanato”<sup>32</sup> pedir ajuda, mas eles não puderam me ajudar, então uma senhora me falou “sei de alguém que vai te ajudar” e me passou o telefone da Virgínia. Virgínia atendeu através de outra protetora, a Norma, e a partir daí acabei me ligando a ela. Foi ela que me ajudou quando precisei”.

Voltando à presidente da SOPAES, Virgínia disse ser casada, mãe de duas filhas e avó de um casal de netos. Estudou no Rio de Janeiro de onde é natural. Mudou-se para Vitória em 1984. Começou o seu trabalho na Prefeitura de Vitória em junho de 2014, a convite do prefeito Luciano Resende, talvez em razão de sua expressiva votação nas últimas eleições, das quais saiu como suplente de vereador.<sup>33</sup> Por ocasião do convite, Virgínia deixou claro: “eu aceito, mas eu quero trabalhar pela causa dos animais. Não me peça para fazer outra coisa”. A participação política teve início em 2006 quando Virgínia liderou um movimento contra o Vital<sup>34</sup>, no seu bairro, a Enseada do Suá.

Sofremos perseguição e não conseguimos impedir a realização, mas duas guaritas foram colocadas para impedir a entrada de carros. O Vital

---

<sup>32</sup> O Au-aufanato é uma Organização voluntária de proteção aos animais, fundada em 2007, com sede em Jardim Marilândia, no Município de Vila Velha – ES. O abrigo mantém um grande número de animais.

<sup>33</sup> Isso significa que, se qualquer dos vereadores do partido pelo qual Virgínia concorreu (PPS) deixar o cargo, para concorrer às eleições, ela ocuparia a vaga. (Informação obtida por telefone em 16/06/2014).

<sup>34</sup> O Vital é uma festa de carnaval fora de época (micareta) que acontecia anualmente em Vitória desde 1994 até o ano de 2006.

Link: <http://www.clerioborges.com.br/vital00.html> - Acesso em 06/06/2014.

aconteceu, mas, foi um fracasso, no dia choveu muito. Depois tivemos um problema com um circo que foi montado aqui perto. Havia vários animais: cachorros, touro. [...] Um dia um vizinho nosso acordou com um touro no seu quintal. Já existia na época uma sociedade protetora dos animais que funcionava em uma sala no centro de Vitória. Quem estava à frente era D. Arminda. Cuidamos para que os animais do circo fossem para um sítio.

Em 2007, Virgínia aceitou o convite para assumir a presidência da SOPAES, movida pelo desejo de ajudar os animais e por um motivo pessoal que a preocupava. Nas suas palavras:

Quem sabe se eu trabalhando com outros animais vai me ajudar a aceitar melhor a ideia de um dia perder a Lua, minha cachorrinha. [...] Não me ajudou, ao contrário, passei a me preocupar com a morte dos outros animais que eu recolhia. Há dois anos atrás o PPS, partido de Roberto Freyre e de Luciano Resende começou a me assediar pelo Facebook. Eles sabiam do meu trabalho frente à SOPAES e me convocaram para que eu me candidatasse a vereadora. Resolvi aceitar. [...] Gastei muito pouco com a minha campanha, apenas 2.500 reais. Deixei de ser eleita por 60 votos. Cada voto meu custou apenas um real. Foi tudo que investi na campanha. [...] [Obs.: a plataforma de campanha de Virgínia foi o bem-estar e proteção dos animais].

O contato de Virgínia com os animais começou na infância. Seu pai tinha uma cachorra de raça pequenez chamada Kiss. A família morava em uma casa grande:

Minha mãe me colocava para tomar sol numa toalha estendida no quintal e eu ficava brincando com a Kiss. Um dia minha mãe disse que quando olhou eu estava lambendo a patinha da Kiss. [...]. Depois de um tempo, no dia de São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro, teve a procissão e não sei se alguém descuidou do portão e a Kiss desapareceu... Nunca mais foi vista. [...] Depois disso só vim a ter animais muito tempo depois. Na verdade tudo começou com o meu marido. Ele já gostava de animais. Morávamos em apartamento e ele dizia para as nossas filhas, que o dia que mudássemos para uma casa elas poderiam ter cachorro. Quando nos mudamos as filhas cobraram então tivemos duas boxers, Laika e Lua.

Em prosseguimento à entrevista, perguntei sobre o número de voluntários que a SOPAES tinha atualmente. Cris se antecipou e respondeu: “A SOPAES é a Virgínia. Ela gasta muito do seu próprio dinheiro com esse trabalho. Outro dia socorremos um animal na Lindemberg. O tratamento ficou em 1.500,00, tivemos pouca ajuda, então

quem assume é ela”. Virgínia acumula todas as funções na SOPAES, desde a administração, a parte financeira, como também as de ordem prática como: recolhimento de animais, encaminhamento a clínicas veterinárias para tratamentos, vacinação, castração, cirurgia, alimentação e cuidados diários. Em razão do número elevado de animais recolhidos, Virgínia mantém uma casa alugada quase em frente à sua onde abriga boa parte dos animais, outros são encaminhados para lares provisórios. Potencialmente, a SOPAES é responsável por 220 animais.

Dentre as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo, segundo Virgínia, está a falta de recursos financeiros, em razão das contribuições, em sua maioria, serem eventuais, enquanto os gastos com despesas de tratamentos em clínicas veterinárias, vacinas e internações, são constantes. Perguntei à Virgínia se já houve alguma tentativa de união entre os grupos de protetores, ao que ela respondeu que sim “Já fiz essa tentativa, mas é muito difícil porque cada um tem uma forma de trabalhar [...]”. Ao final da entrevista, e já decorridas mais de duas horas, passei a abordar sobre a violência aos animais de estimação, tema central dessa monografia, para deixar registrada a visão de quem enfrenta cotidianamente as consequências de tais práticas, como também buscar entender quais seriam as motivações que levam à manutenção da violência dos humanos contra os animais: “Violência é machucar [...] agora, maus tratos é não dar comida, não ter um lugar seguro, abrigado da chuva, do vento”. Pergunto se ela considera maus tratos deixar que o animal procrie seguidamente: “Sem dúvida. Isso exaure o animal e vai na contramão do trabalho que eu faço, que é tentar diminuir a população de animais abandonados”.

Sobre os motivos da violência aos animais, Virgínia comentou: “o FBI<sup>35</sup>, acho que na década de 90, fez um levantamento com entrevistas em prisões, com os presos com histórico de maior violência, *serial killers*. A pesquisa mostrou que todos tinham experiência com violência com animais na infância, e apontava como uma das causas o meio social em que essas pessoas viviam. Acho que o meio social tem um peso, mas não é tudo. A televisão estimula muito a violência [...]”.

Quanto à SOPAES, Virgínia disse que pretende organizar o voluntariado, fornecendo credenciais para evitar problemas da abordagem, quando muitas

---

<sup>35</sup> Órgão federal de investigação nos Estados Unidos.

peças questionam a autoridade do voluntário. Para aumentar o nível de informação e visibilidade da questão dos animais, a SOPAES deverá abrir duas frentes de trabalho: Reuniões e seminários, além de criar uma grade extracurricular com palestras sobre o bem estar dos animais. Segundo Virgínia, há pouca informação: “Tivemos um simpósio em 2008 que foi um divisor de águas, a discussão foi sobre a castração como solução. A Argentina começou esse trabalho há oito anos e obteve ótimos resultados”. Sobre o projeto da Prefeitura de Vitória, Virgínia se mostra otimista: “O projeto pretende reduzir a população de animais abandonados através de um programa de castração. Vamos ter um centro cirúrgico com três salas de cirurgia e três veterinários trabalhando simultaneamente. A meta será atingir 10% dos animais de rua. Essa é a meta possível”.

A perspectiva bem-estarista dos direitos dos animais, que se encontra em expansão no município de Vitória, tem em Singer (1979), um dos pioneiros e mais polêmicos defensores. Singer “rompeu um tabu” ao comparar o valor da vida humana com a vida dos não-humanos e foi alvo de muitas críticas em alguns países europeus, com direito a cancelamento de palestras e conferências, a exemplo do que ocorreu na Alemanha, Áustria e Suíça. ‘A singularidade da vida humana exclui qualquer possibilidade de comparação’. Esse argumento sustenta as críticas de seus opositores. No entanto, o autor insiste em contestar a superioridade da espécie humana, com bases em algum mérito ou valor inato que a colocasse acima de outras espécies. (p. 2- 3)

Ao defender a igualdade para os animais Singer recorre ao princípio da *igual consideração de interesses*, que pressupõe a igualdade entre os humanos, e propõe uma extensão ética do mesmo princípio para os animais não-humanos. Nas suas palavras:

Só um princípio moral básico desse tipo pode permitir que defendêssemos uma forma de igualdade que inclua todos os seres humanos, com todas as diferenças que existem entre eles. [...] vou sugerir que, tendo aceito o princípio de igualdade como uma sólida base moral para as relações com outros seres de nossa própria espécie, também somos obrigados a aceitá-la como uma sólida base moral para as relações com aqueles que não pertencem à nossa espécie: os animais não humanos. (p. 65)

Se pode parecer “bizarro” pensar em igualdade para os animais, ou alguma excentricidade de “pessoas loucas por cães e gatos”, quando a verdadeira igualdade é negada a tantos seres humanos, especialmente aqueles incluídos nas minorias raciais, Singer afirma que esse é um preconceito infundado, tanto quanto aquele que leva os escravocratas brancos a desconsiderar os interesses dos seus escravos africanos. O argumento do autor me remete às críticas recorrentes a que são submetidos os protetores de animais, identificadas nos diálogos mantidos durante a pesquisa para essa monografia, em que o questionamento sobre a preocupação com os animais é feito sempre tendo como referencial o valor da vida humana. O que se houve – a meu exemplo – são coisas do tipo: “Ah, me desculpe, mas, se eu tivesse que ajudar, ajudaria a uma criança”, ou ainda: “você não tem pena das pessoas que vivem nas ruas?”. (p. 66)

O princípio *da igual consideração de interesses* é considerado por muitos filósofos como um princípio moral básico, mas, poucos pensaram em estendê-lo além da nossa espécie. Jeremy Bentham, criador do utilitarismo moderno, foi um dos poucos que ousou fazê-lo. Bentham entende que a capacidade de sofrimento e/ou fruição ou felicidade é a característica vital e condição prévia que confere, a um ser, o direito à igual consideração de interesses, afinal, não se trata de uma característica qualquer, como a capacidade de falar ou de habilidades para a matemática, mas de uma característica para se pensar em interesses de um modo significativo, conforme argumenta: “Uma pedra não tem interesses porque não é capaz de sofrer ao ser chutada. Nada que façamos poderá significar uma diferença para o seu bem estar, ao contrário, um rato, inegavelmente tem um interesse legítimo em não ser atormentado ou passar por algum tipo de sofrimento”. (BENTHAM, apud SINGER, 1979, p. 67).

O limite de sensibilidade, portanto, é o único limite defensável da preocupação com os interesses alheios. Demarcá-lo através de outras características como a inteligência ou a racionalidade equivaleria a demarcá-lo de modo arbitrário. Independente da natureza do ser, o princípio da igualdade exige que o sofrimento seja levado em consideração em termos de igualdade a um sofrimento semelhante, até onde se possa fazer comparações a qualquer outro ser. A dor, argumenta Singer, deve ser considerada, tanto quando é sentida por africanos quanto por europeus. Quanto aos ‘especistas’ humanos é preciso admitir que “a dor é tão má

quando sentida por porcos ou ratos como quando são os seres humanos que a sentem. Esse é um argumento irrecusável para se estender o princípio de igualdade aos animais não humanos”. [...] (P. 68)

Em que pese o fato de Singer defender o bem-estar dos animais e travar uma ampla discussão condenando as péssimas condições a que os animais para corte são submetidos nas fazendas industriais de alta produção, onde o confinamento a espaços mínimos é uma prática comum; e, ainda que faça duras críticas às experiências realizadas com animais cobaias em laboratório, questionando a legitimidade/necessidade de algumas delas, a exemplo da experiência que o Instituto de Radiobiologia das Forças Armadas dos Estados Unidos, em Bethesda, Maryland tem realizado com macacos do gênero Rhesus<sup>36</sup> (essas experiências atroztes com animais raramente chegam ao conhecimento do público), quando se trata do fato dos animais serem mortos, Singer faz uma “omissão deliberada” e se justifica argumentando que, aplicar o princípio de igualdade à imposição de sofrimento, é, teoricamente bastante fácil de entender: “A dor e o sofrimento são coisas más, e, independentemente da raça, do sexo ou da espécie do ser que sofre, devem ser evitados ou mitigados”, porém, quando refletimos sobre o valor da vida, não podemos afirmar confiantemente que “uma vida é uma vida, e igualmente valiosa, seja ela humana ou animal”.

Embora Singer faça uma ressalva, não afirmando se esse ponto de vista é justificável ou não, ele entende que, “não seria especista afirmar que a vida de um ser consciente de si, capaz de pensamento abstrato, de planejar o futuro [...] seja mais valiosa do que a vida de um ser que não possua essas aptidões”. Esse é um ponto polêmico - aptidões e pensamento abstrato nos animais - que merece um aprofundamento da discussão e que, por uma questão de espaço deixaremos em aberto. (p. 71)

No entanto, outro movimento de defesa dos direitos dos animais, o abolicionismo, critica os limites do bem-estarismo e defende a ideia de abolir o uso de animais na vida humana, para que se corrija uma injustiça social: “Os animais não são nossos

---

<sup>36</sup> Os macacos do gênero Rhesus têm sido treinados para correr dentro de uma grande roda. Se reduzirem muito a velocidade, a roda faz o mesmo, e os macacos levam um choque elétrico. Quando os macacos já foram treinados para correr por longos períodos, recebem uma dose letal de radiação. E então, sentindo-se mal e vomitando, são forçados a continuar correndo até cair. A suposta finalidade disso é obter informações sobre a capacidade dos soldados de continuarem a lutar depois de um ataque nuclear. (p. 76)

para comer, para vestir, para fazer experiências, para nos entreter”. Segundo Ferrigno (2012, p. 3), o slogan do PETA (People for the Ethical Treatment of Animals), define bem o veganismo e sintetiza os princípios do abolicionismo. O que se observa, é que os dois movimentos, bem-estar e abolição, embora tenham pontos de convergência, conceitualmente se apresentam como antinomias, gerando uma cisão no movimento vegetariano atuante, que em função das posturas mais ou menos radicais de seus membros, esses são denominados abolicionistas pragmáticos ou abolicionistas fundamentalistas<sup>37</sup>. Esses últimos acreditam que, uma conquista do direito ao bem-estar animal pode representar um entrave ao avanço do movimento de libertação animal<sup>38</sup>. A partir dos anos 2000, essa dicotomia, começou a ser motivo de polêmica nos congressos vegetarianos, onde entre os participantes uma pergunta passou a ser recorrente: “Você é abolicionista ou bem-estarista?”.

A autora entende que entre os que introduziram essa dicotomia em contexto brasileiro, havia muitos leitores de Gary Francione, advogado estadunidense que divulgou mais intensamente o termo *abolition* vinculando-o não apenas à defesa animal, mas dando ênfase ao veganismo, como conduta necessária aos princípios abolicionistas.<sup>39</sup> As opiniões quanto à oposição abolição/bem-estar se dividem, conforme se pode observar nas afirmações:

“[...] Nós acreditamos que a única forma de abolir o uso de animais é praticando o veganismo porque as reformas bem-estaristas, de criar os animais soltos em vez de confinados, aplicar anestésicos nos animais que são usados como cobaias, ou reduzir o uso de animais que são usados, isso não vai levar à libertação”. (A) (p. 6)

“Eu vejo essa divisão muitas vezes como uma transição mesmo. Ter contato com protetores de animais de rua fortaleceu meu ativismo, pois já fizeram muito efetivamente pelos animais [...] Mas ser abolicionista é repensar a maneira como encaramos os outros animais e até mesmo os seres humanos”. (B) (p. 7)

<sup>37</sup> “Há os que subdividem o abolicionismo em ‘abolicionismo pragmático’, que não se opõe completamente à noção de bem-estar, e o ‘abolicionismo fundamentalista’, que pretende superar aquela noção de seu arsenal conceitual.” [...] (p. 9)

<sup>38</sup> “Por exemplo, quando há um projeto de lei que visa aumentar as jaulas das galinhas. Apoiar ou não determinada lei? Apoiar reifica a exploração? Ou retarda a abolição? Ou, ao contrário, estimula uma cultura de maior cuidado com os animais?” (p. 11)

<sup>39</sup> “Se muitos leitores de Peter Singer (autor da obra *Animal Liberation*, considerada como fundadora do movimento contemporâneo de direito animal), se tornavam veganos, o veganismo não era colocado explicitamente como um dever moral, como se mostra nos escritos de Francione”. (p. 3)

Gostaria de destacar dois pontos elencados na conclusão da autora, a respeito da separação abolição/bem-estar, na perspectiva do movimento político e que acredito serem da maior importância para o avanço dos direitos dos animais: As duas arenas “em disputa”, engendram um “refinamento da discussão filosófica na ética minimalista” superando (supostamente), a proposta utilitarista de Singer, colocando a questão dos animais em termos de direito. O segundo ponto identificado por Ferrigno é que, apesar dos conflitos entre ‘abolicionistas pragmáticos’ ou ‘abolicionistas fundamentalistas’, ambos concordam com a importância da sensibilização, através da educação, para a causa dos animais. (p. 18-20)

Levy-Strauss (2009), abordando o tema da epidemia das vacas loucas, que motivou uma diminuição do consumo de carne na Europa, enfatiza a tendência crescente ao vegetarianismo, ainda que seja por razões utilitaristas: Com o aumento da população global (estima-se que em menos de um século terá dobrado), o gado e outros animais de criação serão “terríveis concorrentes” do homem, pois consomem grande parte dos cereais produzidos.<sup>40</sup> Sobre o uso de animais para a alimentação o autor argumenta: “Chegará o dia em que a ideia de que os homens do passado para se alimentar, criavam e massacravam seres vivos e expunham complacentemente sua carne em pedaços nas vitrines inspirará por certo a mesma repulsa que, para os viajantes dos séculos XVI ou XVII, as refeições canibais dos selvagens americanos, africanos ou australianos”. (p. 212)

---

<sup>40</sup> “Calculou-se que nos Estados Unidos, dois terços dos cereais produzidos servem para alimentá-los. [...] Uma população humana em expansão logo terá necessidade, para sobreviver, da produção cerealífica atual inteira: nada restará para a criação de gado e de aves [...]” (p. 215)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se a noção construtivista de arena de Hannigan (2009) constata-se que a arena decisória da questão dos animais domésticos no Município de Vitória é uma arena que se apresenta ainda bastante incipiente. Tratando-se de uma disputa de arena desigual, quando se considera a urgência de demandas de políticas públicas no município, voltada aos humanos, como a melhoria na saúde, na educação e na segurança, a questão dos animais fica sempre relegada a último plano. No entanto, o número crescente de animais abandonados e de eventos de violência a que esses animais são submetidos continuamente, tem mobilizado a atenção das mídias sociais na dramatização dessa questão, o que segundo Hannigan (2011) é um elemento essencial para que um problema social se constitua.

Embora a Lei Municipal nº 8121 represente o marco legal para o direito dos animais no município, e um reconhecimento de que a questão dos animais precisa ser enfrentada, observa-se que, até o momento, não tem havido por parte dos agentes institucionais, no caso a prefeitura de Vitória, uma estrutura administrativa que leve à eficácia no cumprimento da lei, para que se obtenham resultados satisfatórios. Importante destacar que, colocando em análise a Lei municipal nº 8121 observei que, ainda que nela estejam contemplados de forma abrangente os direitos dos animais, identifica-se um viés em direção aos interesses dos humanos – a exemplo da vacina antirrábica – única vacina ofertada pelo Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) <sup>41</sup> - em razão da doença representar um risco eminente ao ser humano.

A minha inserção no grupo Patinhas Carentes, um dos principais agentes da proteção animal em Vitória me fez perceber uma rede de afetos entre humanos e não humanos que remete a Latour (2012) quando ele afirma que o social é uma rede de associações na qual os não humanos podem gerar significados. Entendo que essa rede fluida de proteção animal é formada em função da ausência do poder público no atendimento a questão dos animais abandonados e atua como um

---

<sup>41</sup> Agente institucional ligado ao Centro de Vigilância em Saúde Ambiental (CVSA) da prefeitura de Vitória.

contraponto à violência percebida no município de Vitória. Desse modo o Patinhas Carentes, assim como a SOPAES e tantos outros grupos de proteção animal de Vitória, acabam assumindo o ônus do recolhimento de animais de rua, movidos pelo sentimento de compaixão, que segundo Schopenhauer (apud DALCOL, 2012), é o impulso gerador de toda ação moral. Observei que é no sentido de compartilhamento da dor (HARAWAY, 2011) que, Paula, Priscila, Rhayner, Larissa, Karoline e Flávia tentam superar os seus próprios limites emocionais para dar prosseguimento à luta pela causa animal.

No que se refere à Sociedade Protetora dos Animais (SOPAES) representada por Virgínia Brandão, em que pese o fato de ter se constituído como ONG, também precisa superar os limites emocionais e financeiros para gerenciar a demanda constante de atendimento aos animais abandonados, o que faz com que, a SOPAES, assim como o Patinhas Carentes tenham que mobilizar continuamente o voluntariado para tornar possível o trabalho com os animais.

Sobre a questão da violência, observei nos integrantes do grupo Patinhas Carentes que há um consenso que aponta para um refinamento do conceito de violência aos animais domésticos que extrapola a questão da violência física, para o entendimento de que violência, tal qual eu a entendo, é todo o ato que possa inferir em déficit no bem-estar dos animais, conforme lista a seguir: Não oferecer os cuidados veterinários necessários; deixar o animal preso por muito tempo; usar o animal para brigas/apostas; todo e qualquer tipo de agressão física e psicológica; mantê-los em condições inadequadas de saúde e bem-estar, a não castração, a falta de vacinação. Um dos integrantes defende a ideia de que, tudo que for considerado como violência para o ser humano poderá ser considerado também como violência ao animal.

Quanto à Virgínia Brandão, ela faz uma diferenciação entre violência e maus-tratos, conforme ficou registrado na sua entrevista: “Violência é machucar [...] agora, maus-tratos é não dar comida, não ter um lugar seguro, abrigado da chuva, do vento”. Quando questionada sobre se ela considera maus-tratos deixar que o animal procrie seguidamente, ela comentou “Sem dúvida. Isso exaure o animal e vai na contramão do trabalho que eu faço, que é tentar diminuir a população de animais abandonados”.

Para concluir, recorro a Startlet (2000) para afirmar que, para que os direitos dos animais possam avançar definitivamente, teremos que vencer rígidas estruturas conceituais que nos fizeram acreditar na superioridade humana e a desconsiderar o sofrimento dos animais. É preciso, conforme nos informam os protetores, investir em uma educação humanitária que possa sensibilizar as pessoas para a causa dos animais. Essa ideia está marcada em Ferrigno, (2012, p. 20): “Precisamos divulgar, informar, sensibilizar. Porque nossa causa não é de minoria. É de minoria porque é minoria que conhece, mas ela com certeza é causa da maioria das pessoas desse planeta, só que elas não sabem [...]”.

A presença de Virgínia Brandão na prefeitura de Vitória já faz perceber um importante movimento para diminuir a lacuna deixada por um longo tempo de descaso por parte dos políticos em favor da causa animal. Como o jogo político está inserido na categoria das relações fluidas, no que se refere à causa animal, estaremos sempre na dependência de quais agentes estarão programando a agenda política do município. Acredito que, independente de quais venham a ser esses agentes, não poderemos prescindir tão cedo da rede de afetos entre humanos e não humanos que até hoje tem sustentado a arena animal no município de Vitória.

## REFERÊNCIAS

DALCOL, M.S., **Ética da Compaixão: Um Contraponto ao Rigor da Moral Kantiana**. Thaumazein, AnoV, Número 09, Santa Maria (Junho de 2012), pp. 88-96.

DONNA, Haraway. **A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n, 35, p. 27-64, jan./jun. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832011000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832011000100002&script=sci_arttext)> Acesso em 14/07/2014.

SINGER, Peter. **Ética prática**. [tradução de Jefferson Luís Camargo]. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998. – (Ensino superior)

FAVRET-SAADA, Janne. 1990. “**Être Affecté**”. In: Gradhiva: Revue Histoire et d’Archives de L’Anthropologie, 8. Pp. 3-9.

FERRIGNO, Mayra Vergotti. **Abolição da exploração ou defesa do bem-estar: as propostas em disputa no movimento de defesa animal** – Unicamp/SP. 2012. Disponível em: <<http://revistainvisivel.com/wp-content/uploads/2012/10/artigo-mayra-vergotti-invisivel-um.pdf> > - Acesso em 11/07/2014

HANNIGAN, John . **Sociologia Ambiental/** John Hannigan; tradução de Annahid Burnett. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. – (Coleção Sociologia)

MACHADO, Carlos José Saldanha. **Reflexões sobre as relações homem-animal na organização e vida social brasileira..** Trabalho preparado para o IV ReACT 2013 – UNICAMP, Campinas-SP

LATOUR, Bruno. In: \_\_\_\_\_. **Reagregando o social**. Salvador: Ed UFBA, 2012; Bauru. São Paulo: Edusc. 2012

LÉVY-STRAUSS, Claude. **A lição de sabedoria das vacas loucas**. 2009.

MARSHALL, Sahlins David, 1930- **Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich** / Marshall Sahlins; tradução e apresentação, Fraya Frehse. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BARTLETT, Steven J. **Raízes da resistência humana aos direitos dos animais: Bloqueios psicológicos e conceituais**. Revista Brasileira de Direito Animal – Vol. 2, n.2 (jul/dez. 2007) Salvador, BA: Evolução, 2007- ISSN: 1809-9092 – 1. Direito-Periódicos

PRATES, V. **Entre formigas e estrelas**. Galáxia. (São Paulo, Online), nº 25, p. 206-210, jun.2013.

<https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/edit#>

<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/viewFile/821/1159> - Acesso em 13/01/2014.

Link: <http://bit.ly/Z941Ez> - Acesso em 27/06/2014.

Disponível em: <[HTTP://www.ninarosa.org.br](http://www.ninarosa.org.br)> – Acesso em: 11 nov. 2012 (apud Machado, 2013)

Link: <http://www.eshoje.jor.br/conteudo/2014/02/noticias/geral/15017-marcha-em-defesa-dos-animais-acontece-em-camburi-neste-sabado.html> - Último acesso em 08/06/2014.

Fonte: Vitória. Secretaria de Comunicação. **Grupo de trabalho vai discutir ações para o bem-estar dos animais na capital.** 13 de fev. 2014. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/secom.php?pagina=noticias&idNoticia=13745> (data do último acesso: 26/05/2014).

Fonte: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2014/04/camara-aprova-lei-que-permite-animais-em-onibus-de-vitoria-es.html> - (Data do último acesso: 28/05/2014).

<https://www.facebook.com/patinhascarentess> (data do último acesso: 26/05/2014).

Link de acesso para o formulário: [https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit\\_requested=true](https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit_requested=true) - (Acesso em 24 maio. 2014).

Questionário online Link: [https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit\\_requested=true](https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxlISX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit_requested=true) .

Link: <<http://patinhascarenteses.blogspot.com.br/>> (data do acesso: 26/05/2014).

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=641351752601121&set=a.638540569548906.1073741870.100001789061017&type=3&theater> . Acesso em 03/06/14

Link:< <https://www.youtube.com/watch?v=duYM9QAE6F4>> Acesso em 18/06/2014

Link: <<http://www.wspabrasil.org/redeparceiros/brasil/AMAES.aspx>>

Link: <<http://www.clerioborges.com.br/vital00.html>>

VEJA, Ed. Abril, n. 44, p. 89-91, 30 de out./2013.

## Anexos

### Anexo 1

Texto do formulário online, destinado a membros do Grupo Patinhas Carentes.

Disponibilizado

em:

[https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxllSX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit\\_requested=true](https://docs.google.com/forms/d/1F1iApKwwcl6JW1BOYPNpD4mgxxllSX0BXG-CX0DE5EM/viewform?edit_requested=true) .

#### A Violência aos Animais de Estimação

Esse questionário faz parte da metodologia de um projeto de monografia do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo que tem como objetivo pesquisar a violência aos animais de estimação no município de Vitória, tendo como referência o Grupo Patinhas Carentes, que atua no resgate e acolhimento aos animais de rua.

Obs: Fica reservado à pessoa o direito de não responder a perguntas que não forem consideradas pertinentes.

Agradeço a sua participação. Contato: rosanepezzodipane@yahoo.com.br Celular: (27) 99826489

- 1) Qual a sua atuação hoje em dia na defesa dos direitos e/ou bem estar dos animais de estimação?
- 2) Como essa sua atuação foi iniciada? (antes do Patinhas Carentes?)
- 3) Como surgiu o trabalho conjunto com o Patinhas Carentes?
- 4) Na sua opinião, quais atos configurariam atos de violência contra os animais?
- 5) Por favor, descreva suas atividades dentro do Patinhas Carentes.
- 6) Quais as maiores dificuldades enfrentadas na realização das atividades descritas acima?.

7) De quem foi a iniciativa de criar o Patinhas Carentes e quantas pessoas compunham o grupo no seu início?

8) Os formadores do grupo continuam vinculados ao Patinhas Carentes? Quem são?

9) Quantos voluntários trabalham hoje no grupo?

10) Você sabe se o grupo possui parceiros na realização de suas atividades? Em caso positivo, quais? (empresas, poder público, veterinários, etc.)

11) Em relação às políticas públicas, qual a análise que você faz em relação à atuação da Prefeitura de Vitória?

12) Você tem conhecimento de algum programa na agenda da Educação que contemple a temática dos animais?

13) Qual a maior fonte de recursos do Patinhas Carentes? Quanto representa as redes sociais na composição desses recursos?

14) Qual o papel e quais as ações do Centro de Zoonoses de Vitória nas questões relativas aos animais de rua?

15) Quais as ações mais importantes a serem adotadas pelo poder público, no caso, a Prefeitura de Vitória, na solução do problema dos animais abandonados?

16) Quais as perspectivas do Patinhas Carentes em relação ao futuro? Quais as dificuldades para a realização dessas perspectivas?

Never submit passwords through Google Forms.

Powered by

Google Forms

This content is neither created nor endorsed by Google.

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

Screen reader support enabled.

[Request edit access](#)

## Anexo 2

Questionário formulado ao Centro de Vigilância em Saúde Ambiental da Prefeitura de Vitória, através dos protocolos de nºs 2014.011.588 / 2014.011.590 .

AO CENTRO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE AMBIENTAL

Ilustríssimos Srs.

Sou Rosane Vieira Pezzodipane, graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Venho por meio desta, solicitar ao CVSA algumas informações sobre o trabalho desenvolvido por essa instituição, para referenciar o meu trabalho de monografia que trata do tema: Violência aos animais de Estimação. Gostaria de informar que os dados coletados serão usados unicamente para o referido trabalho. Optei em apresentar as questões em forma de questionário, no entanto, deixo aos responsáveis pelas respostas, a liberdade de acrescentar informações que considerarem importantes e que não tenham sido contempladas pelas perguntas.

*Agradeço antecipadamente a gentileza da colaboração.*

e-mail para contato: [rosanepezzodipane@yahoo.com.br](mailto:rosanepezzodipane@yahoo.com.br)

Cel.: 99982 6489

### Questionário

- 1) Quais as ações desenvolvidas atualmente pelo CVSA em relação aos animais de rua (especialmente cães e gatos)?
- 2) Qual a estimativa da população de animais abandonados no município de Vitória?
- 3) Quantos animais em média o CVSA recolhe mensalmente?
- 4) Existe algum abrigo público para dar suporte ao recolhimento e atendimento aos animais?

- 5) A legislação prevê como crime os maus tratos aos animais. De que forma a Prefeitura de Vitória atua, com base na legislação?
- 6) A partir da proibição da eutanásia, qual é o procedimento adotado pelo CVSA quando se recolhe um animal doente necessitando de cuidados?
- 7) Sabemos que grande parte do problema dos animais de rua é minimizado pelos grupos de ajuda e militantes da causa dos animais. A Prefeitura de Vitória oferece algum tipo de ajuda a esses grupos?
- 8) Existe algum programa do CVSA para controle do aumento da população de animais de rua?
- 9) Qual o encaminhamento que o CVSA oferece ao cidadão que solicita pelo 156 o serviço de sepultamento de seu animal de estimação?
- 10) A iniciativa da criação de hospitais públicos veterinários para que a população de baixa renda possa manter os cuidados com seus animais já acontece em grandes centros como São Paulo. Podemos ter a expectativa de que o município de Vitória, na gestão atual, possa vir a contar com este serviço?
- 11) A agenda escolar das escolas públicas do município de Vitória conta com algum conteúdo programático voltado à temática dos animais, no sentido de uma conscientização que possa mudar o quadro crítico de descaso e violência aos animais domésticos?
- 12) O crescimento de grupos de ajuda e simpatizantes da causa animal têm despertado o interesse de um público cada vez maior, em especial através das redes sociais, levantando questões importantes sobre o tema. O que a população de Vitória pode esperar do CVSA em resposta a essa demanda?

## Anexo 3

Formulário para adoção do Grupo Patinhas.

### QUESTIONÁRIO CÃES:

#### 1. SOBRE O ANIMAL:

Nome do animal pelo qual se interessou:

O animal é: Para mim( ) Para um amigo ( ) Para um Parente( )

#### 2. SOBRE VOCÊ:

Nome:

É maior de idade:? ( ) Sim ( ) Não

Endereço. N°

Bairro Cidade: CEP

Telefone Residencial: Celular:

Profissão: E-mail:

Possui Facebook/Orkut? ( )SIM ( )NÃO. Qual o link?

#### 3. RESPONSABILIDADE DA ADOÇÃO:

O tempo em média de vida de um animal é de 15. Está pronto a arcar com este compromisso? E já previu em seu orçamento os gastos que terá com alimentação, higiene e saúde do animal?

( )SIM ( )NÃO **Você tem um veterinário de confiança?** ( )SIM ( )NÃO**Qual?**

Em caso de urgência, teria como levar o animal imediatamente a um veterinário?  
( )SIM ( )NÃO

#### 4. SOBRE SUA FAMÍLIA:

Todos estão de acordo com a adoção? ( )SIM ( )NÃO. Há casos de alergia?  
( )SIM ( )NÃO

Quantas pessoas moram em sua casa? ( ) Adultos ( ) Crianças

Você pretende se mudar de residência nos próximos 12 meses? ( )SIM ( )NÃO.

### 5. SOBRE SEU DIA A DIA:

Em caso de viagem, como farão e quem cuidará do animal?

Quanto tempo terá disponível por dia para dar atenção e carinho ao animal?

O animal ficará sozinho em casa? ( )SIM ( )NÃO Quantas horas?

### 6. SOBRE SUA RESIDÊNCIA: FAVOR ENVIAR FOTOS DO LOCAL ONDE FICARÁ O ANIMAL EM CASO DE ADOÇÃO.

**A)** Se você mora em **CASA**: ( ) Própria ( ) Alugada. Permite-se animais? ( )SIM ( )NÃO.

**Sua casa é:** ( ) Casa com quintal ( ) Sobrado (2º andar) ( ) Quintal dividido com outros

**A sua casa tem:** ( )Portão Vazado (Grades) Portão Fechado( ) Portão Telado( )

( )Muro Alto Muro Médio( ) Muro Baixo( ) Sem Muro( ) ( ) Cerca

( )Possui Abrigo para Sol e Chuva para o animal

**Há possibilidades do animal fugir?** ( )SIM ( )NÃO

**Você poderá levar o animal para passear todos os dias?** ( )SIM ( )NÃO. Quantas vezes?

Sua casa é em uma **CHÁCARA** ou **SÍTIO**? ( )SIM ( )NÃO. Se sim, é ( ) murada ( ) cercada

**B)** Se você mora em **APARTAMENTO**: ( ) Próprio ( ) Alugado. Permite-se animais? ( )SIM ( )NÃO.

Você poderá levar o animal para passear todos os dias? ( )SIM ( )NÃO Quantas vezes?

## 7. SOBRE OUTROS ANIMAIS:

A) VOCÊ TEM UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO ATUALMENTE? ( )SIM ( )NÃO

Quantos animais você tem?

São Castrados? ( )SIM ( )NÃO

Especifique a espécie e porte:

São Vacinados Anualmente? ( )SIM ( )NÃO. Quais Vacinas?

É vermifugado regularmente? ( )SIM ( )NÃO. Qual frequência?

Que tipo de alimentação você costuma dar aos seus animais?

B) VOCÊ JA TEVE UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO NO PASSADO? ( )SIM ( )NÃO

Quais e de que espécie?

Eram vacinados anualmente e vermifugados regularmente? ( )SIM ( )NÃO

Que tipo de alimentação costumava dar? Eram castrados? ( )SIM ( )NÃO

O que aconteceu com o seu animal? Em caso de falecimento, especifique a idade e motivo.

Você já doou algum animal? ( )SIM ( )NÃO. Se já doou, comente o motivo:

## 8. SOBRE O NOVO MEMBRO

O cão só poderá ter acesso à rua se for supervisionado e de coleira. Não poderá passear na rua sozinho ou “dar uma voltinha.”. Você concorda? ( )SIM ( )NÃO

O animal terá acesso ao interior da casa? ( )SIM ( )NÃO.

Onde o animal passará a maior parte do tempo?

Onde dormirá? O animal ficará: Solto ( ) Preso ( ).

Onde ficará solto ou preso, e por quanto tempo?

## 9. O QUE VOCÊ FARIA...

Se tivesse que mudar de endereço?

Se alguém em sua casa engravidasse?

Se o animal arranhasse ou mordesse o seu filho?

O que você faria para educar o animal?

## 10. OBSERVAÇÕES

Em nossas doações, costumamos manter o contato com os adotantes a fim de saber sobre a adaptação do animal. Além disso, costumamos marcar visita na casa do adotante a fim de verificar as condições em que o animal está. Há alguma restrição quanto à isso?

( )SIM ( )NÃO

**A castração é obrigatória para adotar com o grupo. Deve ser feito um hemograma, que é de responsabilidade do adotante e que custa em média R\$30.** No caso de filhotes e animais ainda não castrados, você aceita colaborar com o valor da castração? (custo médio de R\$100)

( )SIM ( ) NÃO

OBS: favor não esquecer de enviar fotos do local onde ficará o animal em caso de adoção. Solicitamos estas fotos com o intuito de verificarmos se o animal corre algum risco de fuga (portões, muros, etc), e se o local tem tamanho o suficiente para abrigar o animal escolhido (quintal, área de serviço em apartamentos e etc).

### **Patinhas CarentES**

***"A vida é valor absoluto. Não existe vida menor ou maior, inferior ou superior. Engana-se quem mata ou subjuga um animal por julgá-lo um ser inferior. Diante da consciência que abriga a essência da vida, o crime é o mesmo."  
(Autor Desconhecido)***